

SEÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO
MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

O Madeira, o maior dos poderosos afluentes do Amazonas, nasce na Bolívia, da junção dos rios Beni e Mamoré, na lat. de 10°30' e log. oc. de 22°12'20 do Rio de Janeiro, separando primeiros territórios de Matto Grosso e Amazonas, e atravessando depois o território desta última província até lançar-se no grande rio, 240 quilômetros abaixo de Manaus.

N'uma extensão de 416 quilômetros elle percorre um terreno pedregoso, formando treze formidáveis cachoeiras que extraordinariamente dificultam o transito em barcos, que, muitas vezes, têm de ser arrastados por terra.

Nesse penoso serviço muito outrora auxiliavam aos viajantes os selvagens Caripunas, que viviam nas imediações, mas que depois abandonaram esse posto, em consequência das injustas vexações que sofriam da parte daquelas à quem serviam; vexações que deram motivo a sangrentas represálias de um e outro lado.

Da cachoeira de Santo Antonio, a ultima das 13 descendo, é o Madeira, na época das cheias, navegável por paquetes até a sua foz, num percurso de cerca de 900 quilômetros.

Foi junto a essa cachoeira, em uma barranca de 36 metros de elevação, que em 1728 o jesuíta João de Sampaio fundou a primeira missão dessas paragens, a qual foi depois abandonada; foi ainda ali que em 1871 fixou-se a sede do destacamento militar do Madeira.

São muitos os rios e riachos que, no seu curso, vêm engrossar-lhe o volume d'água, entre os quais estão o Jacy-paraná, o Machado, o Manicoré e o Jamary, que mede 160 metros de largura em sua foz, fica a 82 quilômetros da supramencionada cachoeira de Santo Antonio, e em cujas cabeceiras fundou o jesuíta Sampaio a aldeia das Cachoeiras em 1735, abandonada depois pelos continuos assaltos dos selvagens Murás.

E' indescriptível a phantastica beleza das paisagens, que a cada instante prende a atenção do viajante que visita essas paragens! Ja centenas de naturalistas têm tentado esboçar a magestade d'essas florestas virgens, que dizem Saint Hilaire e de Humboldt serem tão velhas como o mundo, regiões misteriosas onde a luz do dia difficilmente penetra.

Arvores gigantescas de uma infinidade de espécies ali entrelaçam seus ramos formando uma copa cerrada, presas, muitas vezes, umas ás outras por liames que simulam corpolentas serpentes.

Ahi não se nota a monotona uniformidade da cor verde escura das florestas das outras partes do mundo, mas uma infinda gradação dessa mesma cor, esmaltada pelas variadíssimas das flores, que aromatizam o ambiente e nos encantam as vistas com os seus vivos e brilhantes matizes.

Ahi abundam madeiras de construção e de marceraria ao lado de um sem numero de plantas alimentícias e medicinais.

São o pau-d'arco, o ipê, a sucupira, o pau ferro, o acapú, o campeche, a massaranduba, a gameleira, a castanheira, o cacau, as seringueiras, as palmeiras, a baunilha, a arvore do puchury, a do guaraná, etc. A excessiva humidade do solo e o calor tro-

pical são as fôntes dessa exuberância de riqueza floral, que torna essas regiões um potosi, onde só falta o homem para explorá-lo.

E' certo que as febres paixões imperam formidáveis nas margens desses gigantes tributários do Amazonas, afugentando os que lhes tentam raptar o velo de ouro.

Em geral são baixas essas margens, e nas enchentes as águas invadem as matas que as cobrem; e quando os rios voltam aos seus leitos, deixam exposta aos raios ardentes do sol uma espessa camada de folhas podres, que enchem os ares de miasmas.

Um dia, porém, temos certeza, essas dificuldades serão removidas.

A essa hora tão rica corresponde ainda uma fauna abundantíssima em todos os seus ramos; os reptis são notáveis, os peixes formigam nesses rios ainda tão pouco frequentados; as aves são inumeráveis, adornadas mais vivas e formosas cores. São as aráras, 142 espécies de papagaios, os auras, os jacus, os mutuns, os agamis ou galinhas do mato que vivem em bandos, fazendo ouvir o seu grito agudo semelhante ao som de uma trombeta, os jacanás e outros tantos que seria interminável citar sómente as conhecidas.

Entre os mamíferos citaremos os micos, tipo característico da América do Sul. Elles se distinguem dos do antigo mundo pela disposição de suas narinas abertas para os lados, pela ausência de calosidades e o comprimento da cauda.

A ausência de grandes mamíferos e a multiplicidade de animais trepadores são caracteres distintivos dessa classe do reino animal no Brasil. Não só os simianos, como os roedores da família dos ratos, dos desdentados e, mesmo, os carniceiros, são ahi providos de uma cauda prehensiva, que os ajuda a subirem ás árvores.

Os simios são menores, porém mais ageis que os do antigo continente; de entre elles se destacam os huivadores ou guribas, cujos huivos apavoram, os saguis, os pequenos oistitis, etc.

Além delles se encontram nessas brenhas o jaguar, a onça, o cuguar, o maracajá, o cão do mato, o coati, o sarigüé, a anta, o queixada, o caititá, o porco-espinho, a cotia, os ratos do mato, o veado, o tamanduá, o preguiçoso, etc.

(Continua).

A casa malassombrada

—
—
—

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO
DR. A. BEZERRA DE MENEZES

—
—
—

(Continuação)

Sua predilecta, por ser o retrato da adorada esposa, era Margarida, por quem o bom velho faria loucuras.

Também, por se saber quanto elle adorava aquella neta, seus amigos e beneficiados esmeravam-se em dar á moça as mais solícitas provas de sua respeito estima.

Prestar um serviço, ou fazer uma fineza a Margarida era mais do que salvar a vida ao coronel Thomaz de Amorim.

A moça, entretanto, era por si mesma digna da maior estima.

Educada nos sãos princípios, que eram o distintivo de sua nobre família, ella era a auxiliar de seu avô na prática da caridade.

Tendo recebido ensino superior ao que se dava ás moças de seu tempo e do lugar, era considerada como uma ente superior a todos, abrindo avô, que a chamava — minha doutora.

Vários casamentos vantajosos lhe tinham aparecido, mas ella se recusava a todos, pretextando ser casada com seu vovôsinho, o que mais aumentava a bebedeira do velho já visinho dos oitenta annos.

Em lugar pequeno não ha mistério. O que se faz de noite, sabe-se de dia.

Começou, pois, a rosnar alguma cousa a respeito de sinhá, que causava mortificação aos verdadeiros amigos do Coronel.

Havia ali um moço de boa família, casado e com filhos, que devia tudo o que era ao Coronel Thomaz de Amorim.

Por sua inteligência e actividade, o velho o chamava á direcção de seus negócios, remunerando-o com prodigalidade tal, que nada lhe faltava, nem á sua família.

Antonio Bento vivia em casa do coronel, e era mais dono della do que o proprio coronel, que nunca lhe contrariava as ordens.

Era um mordomo, com poder superior ao do proprio dono.

Começou, pois, a rosnar alguma cousa sobre amores de Sinhá com Antonio Bento; e já havia algum tempo que isso se dava, sem que ninguém tivesse coragem de prevenir o coronel, cuja morte julgava-se infalível, quando soubesse da desonra da neta, obra d'um homem em quem maior confiança depositava.

Na vida dos homens e nos factos naturaes, tudo tem o seu dia.

Chegou o dia de receber o coronel o golpe, de que todos receiam.

Uma circunstância imprevista fez que o pobre velho fosse testemunha auricular de uma conversa dos dous amantes, que lhe revelou a hediondez de seu crime.

O coronel foi superior á sua desgraça, a maior que podia ferir-o; porque era elle do numero dos que presam mais a honra do que a vida, já hoje bem raros.

Se tivesse a neta morta, não sentiria o que lhe fez sentir sua degradação.

Ver a que fora as delícias de sua velhice, o ídolo de seu coração, prestes a cessar de pulsar-lhe no peito; ver á imagem de sua adorada esposa, rebaixada do docel da pura innocencia em que sempre a julgara recolhida, á vil e vergonhosa posição de barrigão de um homem, que nem ao menos podia reparar a desonra, que lhe trouxera, sendo, como era, casado!

Ver este, a quem cobria de benefícios, ser o autor de sua maior vergonha, da vergonha que ia nodoar seu nome immaculado e o de sua veneranda família!

Ver tanta ignominia, e não ter a felicidade de morrer imediatamente!

— Estavam reservados para meus ultimos dias as cruéis provações, as únicas provações que me fazem ter horror á vida; que me fazem desejar a morte!

Cumpre-se o meu destino; e permita Deus que eu tenha força para vencer a tentação de fazer mal a um semelhante.

Tendo feito aquella queixa, acompanhada daquella prece, ambas ouvidas no céu, que ao céu chegam sempre os gemidos dos corações bons; o coronel revestiu-se de uma coragem superior á fraqueza humana; e passando á sua sala mandou chamar Antonio Bento.

Este, supondo que seu segredo estava ainda inviolado, e que era chamado para negócios, apareceu presenteiro, como de costume; o que foi seta acerada a traspasar o coração do velho.

Com animo sereno, sem mostrar fraqueza nem mesmo na voz, o respeitável ancião disse ao infame assassino de sua honra:

— Conheço seu negro procedimento, que outros puniriam cruelmente.

O moço empallideceu e começou a tremer.

— Eu, continuou o coronel, apesar de ter recebido de sua mão o maior golpe que me podia vir ao coração, não quero, no fim da vida, fazer o que nunca fiz em quasi oitenta annos de existencia.

O moço caiu de joelhos, balbuciando a palavra perdão.

— Levante-se, disse com severidade o coronel, e ouça.

Nem lhe quero dar o castigo que mereceu, nem posso deixar meu nome, que é meu dever transmittir puro a meus descendentes, maculado e ridicularizado.

Tenho, pois, resolvido pôr entre mim e o senhor o tempo e o espaço.

Va á minha estribaria, e escolha o melhor cavallo que ahi achar.

Tome dous comos de réis, e hoje mesmo parta d'aqui, e corra, corra; que d'aqui a 48 horas partirão, em sua perseguição até os limites da província, dous homens, com ordem de matá-lo, se o apanharem aquem daquelles limites.

Sua mulher e seus filhos, tão desgraçados por sua culpa, como eu sou, ficam por minha conta; nada lhes faltará.

Logo que o senhor tiver fixado sua residência em qualquer província, que não seja a nossa, me escreva, que eu mandar-lhe-hei sua família e recursos para o senhor mantel-a.

Esta é sua sentença, a que lhe peço pelo amor de Deus se submetta, para não ser eu obrigado a substituir-a por outra que me repugna e lhe será fatal.

Antonio Bento recebeu o dinheiro, e como um homem idiotificado, partiu da casa do Coronel.

* * *

Sahindo da casa do Coronel Thomaz de Amorim, Antonio Bento levava a alma opprimida.

A negra ingratidão de que era réu para com o velho, avultando ainda mais diante da generosidade com que o tratara;

O amor insano que o levava a cometer tão feio crime, e que ia ser o seu tormento, pela eterna separação do ente amado;

A desordem que ia lavrar no seio da família, quando sua santa mulher conhecesse a infidelidade de que era victimá;

Tudo, tudo concorria para lançar aquella alma num estado, que, se não era de loucura, era de um desespero sobrehumano.

Marchava para a casa, onde a mulher e os filhos, que o adoravam, aguardavam sua chegada, como o condenado marcha para o patibulo.

Hia de cabeça baixa, e braços caídos, sem pensar, sem saber o que fazia, sem consciencia de si.

A alguns passos de casa, os tres filhinhos lhe sahiram ao encontro, saltando e gritando alegremente:

— Ah! vem papai, ah! vem papai.

Que dôr! que agudo estillete penetrou-lhe o coração aquella vista!

(Continua.)

Fizeram-lhe depois diversas perguntas, a que elle respondem de um modo muito conforme aos ensinos spiriticos.

Entre essas perguntas estava a seguinte :

O que determina a natureza do sexo que tomamos em nossas encarnações ?

Elle respondeu que o espirito precisa progredir em todos os sentidos, que, no sexo masculino dominando o sentimento do abstracto e no feminino o do concreto, o espirito precisa passar por ambos para que o seu progresso seja completo.

SEÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Continuação)

As duas margens do madeira estão hoje ocupadas por estabelecimentos agrícolas de Brazileiros, Bolivianos e Portuguezes que, apesar dos ataques continuos das febres palustres, e apesar ainda de concentrarem todo o seu trabalho na industria da extracção de alguns dos productos, que a natureza prodigamente lhes oferece ahi, com abandono de centenas de outros não menos uteis, enriquecem em pouco tempo. De facto, a caça e a pesca, a mandioca, o aipim, as batatas doces, o milho, a banana, o cacau, a banninha, o assahy, a bacaba, etc., lhes dão sem falta alimento bom e barato; além do que, os trabalhadores braçais ali empregados, em geral, indios bolivianos, são muito pouco exigentes, no que se refere a vestuario e alimentação. Suas jalonas ou, antes, camisolas são feitas de cascas de arvores, que elles põem de molho e depois batem com uns cacetinhos, até que tomean o aspecto de um pano grosso e consistente.

Dissemos que os trabalhadores dos estabelecimentos do Madeira, pelo menos, de sua parte superior, eram indios bolivianos; e ha para isso uma razão ainda inexplicavel para mim: as febres que victimam os brancos, pardos e, principalmente, negros, parecem respeitar-los.

O trabalho dos seringaes é a principal industria desses esclarecedores do progresso do vale do Amazonas. A seringa (*siphonia elastica*) é uma arvore de 16 a 20 metros de altura, da familia das *euphorbias*, que abunda nos terrenos pantanosos dessa regiao. Seu succo leitoso, obtido por incisão no tronco, se coagula em uma massa tenaz e muito elastica, conhecida com o nome de *cauchu* ou *borracha*. É um carbureto de hydrogeno, solivel na agua fervendo, no sulfureto de carbono e oleos volatéis e insolvel no alcohol.

Os trabalhadores avançam por esse terreno encharcado, com um facão dão diversos cortes horizontaes no tronco da arvore, com um barro negro e visguento prendem debaixo de cada corte uma tigelinha de lata, e passam a outra e depois a outra. No fim voltam pelo caminho seguido, recolhem todo o leite contido nas tigelinhas em uma caldeira, e levam-n'a ao fogo. Quando a materia se liquefaz toda, elles tocam um pau, mergulham a ponta no liquido, sacam-n'o e este endurece logo; vão depois fazendo successivos mergulhos, e em cada um nova camada fica adherente á primeira. Assim

formam elles essas bolas, chamadas *sernambi* ou *borracha impura*, que é exportada.

A má direcção do trabalho extractivo da borracha deixa ao trabalhador ignorante a liberdade de dar em cada arvore um numero maior de golpes do que o conveniente, e tambem de atacar as que ainda não adquiriram seu pleno desenvolvimento, donde o prompto esgotamento e morte delas; o que pôde em muito pouco tempo occasionar a extincção dos seringaes.

Felizmente uma nova mina acaba de ser descoberta nos sertões do Maranhão, grande promessa para o futuro dessa província, se a politica que entre nós se envolve em tudo, não lhe vier tolher os passos.

Na margem direita do rio Madeira, donde foram lançados para o interior das selvas os crueis selvageus Paren-tintins, esse terror dos habitantes dessas regiões; os Acara-pirangas, homens robustos, de pelle branca ligeiramente amarellada, que a 13 de Junho 1871, baquearam seu assalto ao nosso ponto militar de Santo Antonio, e os Araras; à cerca de 15 kilómetros abaixo da cachoeira de Santo Antonio, estende-se a *praia do Tamanduá*, comprida praia de areia, descoberta na época das vasantes, e onde vêm desovar as tartarugas no mez de Setembro.

As tartarugas d'agua doce ou *emydias* formam um genero da ordem dos *chelonios*, e muitos naturalistas o consideram uma vasta familia contendo mais de 70 especies. Ellas estabelecem uma transição das tartarugas terrestres ás marítimas, variando em sua conformação, segundo se aproxima mais destas ou daquellas. As que têm a concha deprimida, as unhas fracas e os pés mais largos, vivem de preferencia nos rios correntosos. Suas escamas são mais lisas que as das tartarugas marítimas; seu pescoco e sua cauda são mais longos; suas narinas são collocadas na extremidade do focinho e, ás vezes, sobre pedunculos moveis. Sustentam-se de vermes, moluscos, peixes, reptis e plantas aquáticas.

De entre os seus subgeneros citaremos a *chelys*, que tem a boca fendida até aos olhos. As escamas que cobrem sua carapaca ossea, são muito delgadas e flexiveis. Ellas medem, em geral, 90 centimetros a 1 metro de comprimento; vivem constantemente na agua, mas se aproximam das praias para colherem ervas aquáticas. Cada uma dellas põe anualmente, em média, 150 ovos.

São elles que, fugindo hoje, pela presença do homem, dos lugares que frequentavam outr'ora, vão buscar um refugio proximo ás cachoeiras do Madeira, onde os homens e as feras dão-lhes formidavel caça.

Na lua de Setembro elles cobrem a praia do Tamanduá, onde vão se pular na areia seus ovos, cuja incubação elles, voltando para o rio, confiam aos cuidados do calor solar e da humidade. Na lua de Novembro a praia mostra-se coberta de myriadas de ratinhos, que se precipitam para o rio, perseguidas por numerosas áves de rapina. São as tartaruguinhas que despertam á vida.

É no mez de Setembro, na época da desova, que dão caça ás tartarugas.

O auctor destas linhas pôde asseverar que, em uma só noite de Setembro de 1871, foram apanhadas 5.000 tartarugas.

É arriscado nessa occasião atacal-as do lado do rio, pois, pretendendo fugir por esse lado, elles, se roçarem a perna de alguém com os extremos lateraes da carapaça, podem produzir profundos golpes. Atacam-n'as do interior para o rio. Fogem muitas, mas sempre ficam muitas prisioneiras.

Tambem vão colher-as no seu pro-

prio elemento, empregando o arco e a flecha.

O projectil compõe-se de uma flecha delgada e empennada, em cujo extremo se encaixa uma ponta de aço farpada e aguda; n'esta se prende a extremidade de um cordel, de alguns metros de comprimento, o qual se enrola na flexa e a elle se prende pelo outro extremo.

Em geral os indios do Amazonas, nessa occasões, não fazem a pontaria directamente para o animal, apontam para o ar, e o projectil, com um acerto maravilhoso, desce a cravar-se na concha da tartaruga. Com a dor estriada um arranco, que faz saltar a flecha, ficando presa a ponta de aço.

O animal ergulha, mas o cordel se desenrola e a flecha, boiando, indica ao caçador a marcha que elle deve seguir, para colher sua presa puxando a pelo cordel.

A carne da *chelys*, conquanto rija, é saborosa e muito apreciada no Amazonas e Pará.

* * *

A cerca de um kilometro abaixo da extremidade da praia do Tamanduá, no anno de 1861, via-se uma simples casa, cujas paredes eram feitas de supapo, como lá se diz, isto é, de terra sem cal, e coberta de palha.

O proprietario não era um preguiçoso, o que se tornava logo patente pelo aspecto do terreno que lhe rodeava a habitação. Sua horta não era descuidada, e fornecia mais que o necessário para o consumo das pessoas que ahi residiam. No fundo via-se grande plantação de bananeira, cujo fructo, muitas vezes, é nessas paragens considerado o pão do pobre. Ao redor da casa eram tambem cuidadosamente conservadas varias plantas medicinaes, cujo uso, na maior parte, a scienzia official ainda desconhece.

A casa compunha-se de uma sala pequena, guarneida por alguns tâmboretes e duas mesas de madeira branca sem verniz, sobre uma das quaes viam-se arrumados por ordem e rotulados muitos molhos de plantas, flores e raizes secas; e sobre a outra um tinteiro de chumbo, dos antigos, de forma de carretel, e uma canneta para escrever. No canto da sala jazia um caixão com instrumentos de carpinteiro, e pendente da parede um quadro com a imagem do cruxificado.

(Continua).

A casa malassombrada

— «:»—

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO

DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— «:»—

(Continuação)

Passou sem fazer afago aos queridos filhos, que eminudeceram e ficaram tristes, vendo a desasada indifferença do pai.

Na porta encontrou a mulher, a cuja vista quasi desmaiou.

— Vens hoje mais cedo, meu amigo, mas vens com uma cara de quem tem dôr n'alma.

— Estás doente? Dize, dize depressa, que estou tremula de susto.

— Não tenho nada, Joanninha.

— Não tens nada! E quasi não te podes ter em pé!

Porque me occultas o que tens? Se Deus é servido que estejas mal, ou que tenhas tido alguma desgraca, bem sabes que eu participo de teus bens e de teus males.

Tenho coragem bastante para que te arreces de me descobrir o mal que te persegue.

Dize, dize á tua mulher, que te ama mais que a vida, o que te causa tão profunda perturbação.

O infeliz sentou-se a um banco encostado a pared: da sala, sem saber o que responder à carinhosa esposa.

Cobrindo a cara com ambas as mãos, roncou em soluços, que elle mesmo não sabia se eram causados pelo amor contrariado, ou se pelo remorso da traição e da infidelidade.

— O que é isto? meu amigo, pergunto a desolada esposa, sentando-se ao lado do marido, e tomando-lhe a cabeça, que cubriu de beijos.

Praticaste algum crime? Sofreste algum insulto? Perdeste a proteccão do homem que nos tem sido o pai?

No seio de tua mulher, entre os braços de nossos filhinhos, encontrarás alivio ás tuas magnas.

Não ha desgraça para quem tem uma familia que o adora, que se sujeita á maior miseria, rindo, para lhe poupar uma lagrima, que tem coragem e resignação para tudo, menos para vel-o amargurado.

A unica desgraça irremediável é a que vem do coração, é a que rompe os santos laços de um amor que é nossa vida e nossa felicidade.

Esta nunca te chegará, meu amigo; porque quanto mais correm os annos, tanto mais se avigora o amor de tua mulher.

E os doces penhores desse amor, os queridos filhos que Deus nos tem dado, são nossas fontes da felicidade domestica, da unica verdadeira e pura felicidade, permittida aos miserios viventes.

Esta tu a tens, como quem mais.

Porque, então, te abates deste modo?

Derrama no coração de tua mulher o fel que te envenena as fontes da vida; e verás que, repartida por dous, a desgraça torna-se mais supportavel.

— Dize-me, dize-me o que te aflige.

— Meu Deus! como sou desgraçado!

O que devia fazer minha maior ventura, é precisamente o que me causa as maiores torturas!

Joanninha. Minha desgraça aumenta com estas palavras ternas, idylios de amor, que te inspira o melhor dos corações.

Se me recebesses irada, ou indiferente, como seria eu feliz!

— Como dizes?

Preferes minha indifferença a meus afagos, minha ira a meu amor?

Se isso não é loucura, meu amigo, é crudel, crudel que não merece quem te dedicou alma, vida, e coração.

Eu não te comprehendo! Explica-te!

— Pois bem. Eu me explicarei; visto que a isso me obriga minha sorte cruel.

Dize-me: quando, por dever de educar teus filhos, és obrigada a ralhar ou a castigar 'um delles, não te incomoda mais vel-o humilde e lachrimoso receber o castigo?

— Mas, tu, interrompeu a moça, creio que não tens de que me exporres, nem de que me castigar.

— Antes tivesse, porque trocaria mal por mal.

— Estou-te desconhecendo, meu amigo. Tens hoje uma linguagem que nunca te ouvi!

— E' que eu tenho hoje o inferno n'alma.

— Meu Deus! O que de tão grave te aconteceu?

— Joanninha. A mulher que concentrou todas as affeções n'um homem, o que pensará, o que fará, se um dia reconhecer que este homem é um monstro indigno de seu amor?

(Continua.)

convencesse da sua realização, podia transformar as penas terrenas em uma dita celestial.

Além de tudo, eu via nesta philosophia o magnetismo exercendo um dos mais importantes papéis, e a ideia preconcebida que eu delle fazia, levou-me a crer que no Spiritismo havia uma parte ideal e uma outra positiva. Com tudo acreditei que essas aspirações, no meio de sua simplicidade, eram louváveis e eu não tinha o direito de ridicularizá-las, preferindo deixá-las de parte como nimiidades só permitidas ao sexo feminino. Ninguém, porém, se escarmenta pelo que contam os outros, e o Ser Supremo, em sua justiça e sabedoria infinitas, faz que todas as suas criaturas cheguem a Ele, percorrendo os mesmos trâmites e soffrendo as mesmas penalidades, porque o prêmio concedido a todos é também o mesmo.

Chegou um dia em que, não podendo resistir à influência de uma enfermidade penosa, desprendi-me de meu corpo e deixei de comunicar-me directamente com os seres que tinham sido e continuavam a me ser muito queridos.

Vi meus filhos e minha idolatrada esposa chorando a minha morte, e apesar de meus esforços, subjugados pelo pensamento de nunca mais me verem.

— Morto, eu? comecei a pensar. Como morto se eu me sinto vivo como dantes? e pelo contrário, já restabeleci do meu mal?

Esforçava-me para fazê-los compreenderem isso, mas não me respondiam e continuavam a chorar. Oh! Era uma causa horrível; eu era um cego que precisava de luz, e o Ser Supremo já não a nega a alguém; tenho disso seguras provas. Ouvi que me chamavam, corri, achei-me em um círculo de velhos amigos; quiz falar e consegui, mas oh surpresa! Por elas soube que eu já não tinha um corpo material, que só de mim existia o ser invisível, o ser que concebe, o espírito em si. Expuz minhas duvidas, que por elas me foram aclaradas, e pude logo convencer-me que a vontade de meu espírito dirigia o braço de uma moça, pelo qual meu pensamento era traçado sobre o papel. Isto tirou-me do erro, e compreendi que já era invisível para o mundo físico, e então procurei estudar-me em minha nova vida, que se me afigurava a primeira, ainda que na existência do meu espírito já o não era. Lembrei-me das minhas antigas ideias, quiz saudá-las ou destruí-las pela base. Foi então, que me preocupei com o magnetismo, que ia ser o veículo conductor das minhas ideias ao mundo, em que eu vivera. Assisti a várias sessões puramente magnéticas, em que não entrava pensamento algum de spiritismo, sendo muitos dos seus membros materialistas. Qual foi, porém, a minha

surpresa! Ali, no meio de seres totalmente refratários à philosophia spirita, eu a vi confirmada e representada, ainda que interpretada erroneamente.

Vi que o magnetizador, depois de envolver o somnambulo em seu fluido, lhe impunha a sua vontade, como em uma subjugação. Que mais fazem os espíritos em relação aos mediuns?

De todo modo o ser estranho, obedecia a sentimentos morais ou seja um reprobado, envolve o medium em seus fluidos, entra em comunicação com elle e por essa subjugação transmite suas ilações ao mundo material. Eis o modo por que os espíritos se comunicam com os seres corporais; e eis como, longe de ser um desmentido à philosophia spirita, o magnetismo é um dos seus maiores motores.

A. F. CUENCA.

(Trad. do Boletin del Círculo Espiritista Paz y Progreso.)

Uma visão

O meu amigo, o Sr. J. S., residente nesta capital, é um desses homens cuja modestia passa às raias do que se deve desculpar; estuda muito e mesmo conhece muito, para um simples curioso, as sciencias naturaes.

Ultimamente fez-me elle uma visita, e disse-me: Venho contar-te um facto importante, e quero ouvir a tua opinião, sobre a interpretação que lhe dei, tu que estás em intimas relações com os Srs. defuntos.

— Por favor, interrompi-lhe, falla baixo, pois se a *Gazeta* te ouvir, chama-me logo de corruptor dos inexpertos e provocador de hysterismos.

— Ora, tornou elle, não faças caso, o público sensato é o juiz entre ella e vós. Vamos ao facto: Hontem, achando-me recostado no meu sofá, perfeitamente acordado, vi desenhar-se-me na frente uma paisagem admirável; era uma vista de bosque, muitas árvores de 10 a 15 metros de altura, de casca lisa e amarellada, entrecruzavam-se muitos galhos, mas não apresentavam nem uma folha, nem uma flor, nem um fruto. O solo se estendia a perder de vista, formado de uma matéria semelhante à argilla ferrugiuosa, sem um só ponto verde que lhe interrompesse a monotonia.

Vi encostado a uma das árvores um simio, que, assim sentado, tinha um metro de altura, todo o seu corpo, menos o rosto, era coberto de um pelo preto, longo e lustroso como o veludo. O rosto era semelhante ao do cão, de cor cinzenta e com os olhos orlados de vermelho, a cauda era longa e da cor do corpo.

Depois apareceu-me uma mulher, a figura mais horrenda que tenho visto. Tinha a cor vermelha escura dos nossos selvagens, a cara disforme de uma velha tapuia, emoldurada em comprida, amarellenta e suja cabel-

leira; trajava ou antes estava envolvida em um pano esfarrapado, cuja cor foi-me impossível adivinhar. Sumiu-se, e então apresentou-se-me uma tropa de uns 10 negros, altos e bem conformados, mas de uma cor azulada bem pronunciada.

Com vestidos traziam apenas um avental de penas de varias cores e uma especie de diadema da mesma natureza, dominando nello a cor vermelha.

Traziam colares e braceletes de conchas brancas e usavam de arco e flecha.

Passaram, e finalmente vi vir ainda um delles, que olhava fixo e estendia o braço esquerdo apontando para o sol, cujo disco tinha uma superficie seis vezes maior que a que vemos d'aqui.

Depois tudo desapareceu. Que me dizes? Pelo aspecto do Sol parece-me que me quizeram mostrar uma paisagem de Mercurio. Será?

— E porque não? perguntei-lhe. É muito possível.

— Mas eu supunha que Mercurio fosse ainda um mundo de cujo atração nem mesmo podíamos formar uma ideia; no entanto pelo que vi, a ser exacto, já seus habitantes têm alguma industria, e não são uns monos, como eu supunha.

— Aragão disse em uma comunicação recebida em Pariz, que não podemos formar juizo do seu atração moral e intelectual, que os Mercurianos estão muito abaixo dos mais baixos selvagens das nossas brenhas; mas que há, mesmo no nosso sistema, humanidades ainda mais atraçadas.

— Sempre os nossos amigos, disse elle, deixam alguma causa a desejar nas instruções que nos dão; pelo que vi, há ali duas raças distintas, qual delas a dominante? qual a que veio primeiro?

— E já sabes qual a que veio primeiro à Terra?

— E também verdade, queria saber o que ia pela casa do vizinho, antes de conhecer o que se passa na minha. Há muita gente no mundo que procede assim.

FREQ.

D'Além-Tumulo

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1888.—Medium, D. M. A. Monteiro.

Irmãos!

E' tempo de virdes ao templo da luz e da verdade com o fim de estudar, para escolher o caminho que devemos seguir. E' dever de todo o filho de Deus buscar a verdade, afim de ver se deve crer ou descrever; para isso foram dados ao homem a intelligencia e o livre arbitrio; não podeis julgar sem ver e sem ouvir. Estudai, investigai, buscai compreender os conselhos da vossa consciencia, que nunca vos enganará. O Spiritismo não quer crentes cegos e fanáticos, mas sim homens que de bôa fé venham pedir-lhe o conhecimento das verdades eternas, que sempre, cheios do mais puro amor, damos aquelles que nol-pedem.

Lembrai-vos das palavras do divino mestre: Pedi e dar-se-vos-ha, batei e abrii-vos-ha: é o que vos cumpre fazer. E' passado o tempo da fé cega, imposta e sem raciocínio: o Pai quer que seus filhos vão a elle espontaneamente e convencidos da verdade e do amor que lhe devem, e não como hypocritas que procuram aparentar a perfeição dos que, cheios de fé, amam ao seu Creador.

Não, meus amigos, mil vezes não; amai a Deus, mas indagai porque o deveis amar, para que os vossos pensamentos sejam sinceros e possam elevar-se a elle.

Perdoai a minha linguagem um tanto rude e mesmo, talvez, pesada, tende, porém, em vista o fundo de minhas palavras, e comprehendereis que sou um vosso amigo, que quer a vossa felicidade na vida real, unica que se pode dizer completa.

Um amigo.

Medium F. — Rio de Janeiro, 28 de Setembro de 1888.

Meus amigos!

Aqui estou. Luctei, era a missão que eu tinha pedido; luctei muito ao vosso lado, até que meu corpo caiu extenuado; não pude resistir mais.

Tende confiança em Deus; apesar de lentamente, a propaganda se ha de fazer.

Para aquella que foi na vida a minha cara companheira, para a minha idolatrada filhinha, para os meus parentes, amigos e companheiros de fadigas, eu peço a benção do Pai celeste, para que se conservem firmes na nossa santa crença, que ha de um dia dar ao mundo a paz e a felicidade real e sem iniqua.

Em outra occasião eu direi mais. Pedi por mim, pedi por todos os que soffrem, e todos ficaremos presos em doces e indissolubles laços. Adeus.

BELCHIOR.

SEÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ.

(Continuação)

No quarto imediato achava-se uma cama de madeira com colchão e travesseiro, e o indispensável mosquiteiro de cassa para evitar as ferroadas e importunações desses endiabradados dipteros, ali chamados *mosquitos ou maruís*, que abundam nesses sítios. Uma espingarda de dous canos, pulverinhos e linhas de pescar completavam-lhe a mobília.

O terceiro quarto era a cozinha, cujo fogão consistia em tres pedras no meio da sala, sobre as quais se assentava um caldeirão de ferro.

A sala da frente tinha uma porta para o lado do rio, e uma janella em cada uma das paredes laterais.

Nessa casa morava um homem maior de 60 annos, magro e de aspecto doentio. Era bastante moreno, tinha os cabellos já muito grisalhos e curtos, e usava a barba raspada toda. Seus olhos eram grandes e negros, um tanto amortecidos e nelles translusia a bondade e a singeleza de uma alma saudável. Vestia sempre roupas de fazenda escura e grossa e chapéu do Chile.

Em sua presença davam-lhe o nome de João; mas fôra conhecido n'antes com o de Solitário do Alto Madeira, e os supersticiosos ainda chamavam-n'lo o feiticeiro da praia do Tamanduá.

Qual a sua familia? Qual a sua província? Ninguem o sabia, pois elle nunca revelou-o a alguém. Apenas se conhecia o tempo do seu estabelecimento ali, sem nada constar sobre a sua procedencia.

Em outra palhoça menor e mais retirada da praia morava um indio velho boliviano, que o solitario recebia por caridade. Este respondia pelo nome de José e era um desses entes quietos e inoffensivos, como todos os dessa raça, por quem nunca viria mal ao mundo.

Elle pescava, caçava e ajudava ao seu protector no preparo da sua alimentação.

Em geral, as pessoas pouco instruidas e imbuídas dos princípios que os missionarios romanos cavilosamente derramaram no seio dos indigenas da America do Sul, sentiam um terror supersticioso ao avistarem a vivenda do solitario, mas nem por isso deivavam de cortejalo e recorrer a elle no caso de necessidade, encontrando sempre de sua parte afavel acolhimento, conselhos uteis e, mesmo, auxilio pecuniario ou em generos, na medida de suas posses reduzidas; porque, convem que se saiba, o solitario, como todos os moradores do Madeira, tirava alguns recursos da extracção da borracha e colheita da salsaparilha e ipecacunha, que vendia a negociantes do Pará.

Não é facto para admirar-se, pois temos visto muitos que publicamente combatem o spiritismo, mandarem por terceiros consultar mediuns spiritistas em casos de enfermidades.

Era principalmente como curandeiro que buscavam o solitario, que se tornara bastante conhecido em longa extensão do curso do Madeira.

Essa crença era diariamente fortalecida pelos resultados obtidos. A gente simples, guiada pelo seu bom senso natural, julga pelos factos que observa, sem procurar-lhe explicar as causas, muito mais quando estas se escondem ás suas vistas nas sombras da metaphysica. Assim, muitos que chamavam-n'lo de maniaco e feiticeiro, nas occasões recorriam a elle e ficavam satisfeitos.

Nunca conseguiram fazel-o receber uma paga pecuniaria por esses serviços.

Com o fim de os não molestar elle não devolvia os presentes em generos ou fazendas que lhe faziam os abonados, mas caprichava em não tocar nelles, e os distribuia pelos necessitados.

Todos sabiam disso, e quando lhe enviam um presente, era com a competente declaração — para os seus pobres.

Dos poucos abonados, porém, era inutil tentar, elle nada recebia.

Esse homem tinha algum cultivo intellectual, mas sentia embraços em exprimir-se, quando se tratava de factos triviais da vida; e só se tornava eloquente e verboso, quando era preciso aconselhar seu semelhante em apuros e arriscado a precipitar-se no erro.

Seus argumentos, sempre apropriados á intelligencia do consultante, fallavam lhe á alma, iam-lhe direito ao coração.

Era elle em extremo religioso, não dessa religião de formulas vãs, de apparencias, muitas vezes, hypocritas, mas da religião da moral pratica que arrasta e convence pelo exemplo.

Uma tarde sentiu-se elle bastante incommodado; assaltava-o um presentimento de desgraça proxima, que lhe não era possivel bem definir. Vinha-lhe á mente a ideia de estar um seu amigo, ainda jovem, arrastado ao suicidio por desgostos, que supunha insuperaveis; e ao mesmo tempo um

desejo invencivel de dirigir-se á praia do Tamanduá.

O hypnotismo e o spiritismo começam apenas a desvendar esses segredos da alma humana. Nada se acha isolado na criação; o magnetismo é um laço potente, que prende os seres todos uns aos outros e, atravez dos espacos incommensuraveis, liga a criação inteira em um só todo, e de degrau em degrau, vai unil-a ao soberano regedor dos mundos.

Que de vezes, quando pensamos firmemente em uma pessoa, ficamos passmoso saber que, ao mesmo tempo, ella tambem pensava em nós, embora buscasse distrahir-se! Pelo magnetismo estabelece-se assim uma comunicação inconsciente entre dous entes, ás vezes, separados por grande distancia.

Já vejo o protesto que vão levantar contra essa ideia, os que receiam os perigos, que della podem advir á ordem social; mas cumpre não esquecermos que o homem não vive na terra abandonado a si só, que seus guias, seus protectores espirituais podem desviar seus maus pensamentos, do alvo á que se dirigiam ou destrui-los efeito despertando neste outros pensamentos.

Ha disso uma prova que o leitor com facilidade conseguirá: ore, peça com fervor por aquelle que o odeia, e notará que esse sentimento mau irá desapparecendo até extinguir-se.

Obedecendo a essa voz intima que o impellia, o solitario resolveu-se a sahir, tomou seu chapéu e sua bagala e partiu.

O sol já se sumira além das mattas, a noite ia começar. Era essa hora solemne em que a contemplação da natureza iufunde em nossa alma um sentimento de melancolia mystica, tão grato aos corações dos poetas; em que as flores derramam no ambiente suas mais doces fragrancias, e mil ruidos, até então despercebidos, formam um concerto harmonioso, que se eleva aos ares, saudando á magestade da noite que começa.

A luz, o calor, o som e o cheiro não são mais que vibrações do fluido ethereo, cada vez menos amplas, cada vez menos rápidas. As vibrações mais fortes tolhem e impossibilitam a completa manifestação das mais fracas; e por isso que na ausencia do sol os sons e os aromas se tornam mais distintos.

Era a hora em que os echos das imponentes florestas do Amazonas despertam, enchendo os ares com os sons variadíssimos dos gritos, cantos, gemidos e uivos das aves que se recolhem aos seus ninhos, dos quadrupedes que deixam suas tocas para, protegidos pela sombra, irem á caça de sua subsistencia. Pouco depois ahí se restabelece o silencio, até que desponte o novo dia, saudado pelos alados cantores que partem em bandos alegres em busca do alimento quotidiano.

Agitado e triste, o velho chegou á praia; estava deserta; pareceu-lhe, porém, que ao velo chegar, um homem se havia occultado no matto. Elle apressou os passos resoluto e certificou-se, pelas pegadas na areia, que não se tinha enganado. Chegando ao lugar, elle viu encostado a uma arvore um jovem, que a pouca claridade não lhe impedia de reconhecer.

— Que faz aqui escondido, Sr. Alvaro? perguntou-lhe com carinho. Porque fugir á presença do seu velho João?

— Nada, respondeu o interpellado com uma perturbação que fez estremecer o ultimo vivo; estava triste e vim espairecer aqui.

— Não, não me occulte cousa alguma. Desculpe-me, mas a sua intenção não é boa.

— Como? Desconfia de mim?

— Meu amigo, é ainda muito moço, pouco conhece o mundo. O senhor veio aqui com o fim de pôr um termo á sua vida.

— Quem lhe disse? perguntou o joven desorteado por ver-se descoberto.

— Faça-me um favor; adie por algumas horas seu criminoso projecto, venha á minha choupana; e, ali abrigados da friagem da noite, conversaremos em liberdade.

(Continua).

A casa malassombrada

— «:» —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— «:» —

(Continuação)

— Porque me pergunta isto, que não pôde se entender contigo!

— Responde-me, responde-me.

— Se a mulher que figuraste amasse deveras esse homem, levaria o heroísmo até o ponto de continuar a amar o monstro, que julgou ser um anjo.

— Mesmo, quando soubesse, que elle não a ama, que ama a outra?

A moça ergueu-se, como por uma mola.

— Tu não és esse homem! Eu o juro!

— E se fosse?

— Se fosse eu choraria toda a vida a maior desgraça que me poderia vir na terra; porque sabe, meu amigo que teu amor é a unica luz de minha alma.

— Chora, então, a maior desgraça que te podia vir na terra; mas chora tambem pelo homem mais desgraçado do mundo; porque um amor infernal te roubou meu coração; que foi todo teu, e me atirou no abysmo de todas as desgraças.

Joanninha. Eu amei a neta do coronel; e meu crime foi descoberto pelo bom velho, que acaba de intimar-me para fugir daqui imediatamente, sob pena de mandar-me tirar a vida.

Teu marido é um monstro, que te illudiu, que desgraçou uma inocente, que lançou a morte na alma de seu bemfeitor, que se entregou corpo e alma ao demonio.

— Meu Deus! bradou a moça e caiu no chão.

* * *

O velho coronel passeava de um para outro lado da sala, com as mãos cruzadas por detraz das costas; o que era indicio certo de graves apreheções.

— Venha a morte... hia elle dizendo, quando eu penetrei na sala.

— O que me quer? meu avô, e porque está tão afficto, que pareceu-me ouvir-lhe pedir a morte?

— E' verdade, meu filho, pedi e peço-a, como o unico possivel remedio para os males que me affligem.

— Meu avô perdoe; mas eu lembro-lhe que o Sr. é christão, e que um christão não pôde pedir a morte.

— Não sei porque!

O faminto pôde pedir pão.

O sequioso pôde pedir agua.

Pôde-se pedir satisfação ás necessidades do corpo.

E', entretanto, um peccado pedir satisfação á maior necessidade da alma, livrar-se da mais angustiosa agonia pela morte!

— E' isso mesmo, senhor. Se a vida foi-nos dada para transformarmos em puro ouro o barro de que fomos feitos, e se o meio de conseguirmos a mystica transformação é o soffrimento, são as dores da alma; comprehende-se que pedir a morte é desertar do campo da batalha.

— Mas, meu filho, quem tem 80 annos de soffrimento e dores, já deve ter direito á reforma.

— Não ha direitos, quando imperam superiores deveres, e o maior dever do homem é cumprir sua missão, a missão que lhe foi dada pelo Pai celestial, e quando essa missão está satisfeita, ou quando a medida está cheia, é que pôde ser dada a reforma.

Deus que o tem conservado até os 80 annos, é que o tem destinado, talvez, ás mais duras provas, ás provas decisivas de sua inquebrantabilidade.

O que cumpre, meu avô, é não perder no ultimo instante, a preciosa riqueza accumulada com o suor de tantos annos.

O que cumpre é resistir heroicamente a qualquer golpe, com que o Senhor seja servido proval-o, louvando e engrandecendo a mão que o fere.

— Rapaz. Onde aprendeste tão alta sabedoria, que se pôde chamar — a medicina das almas desgraçadas?

— Aprendi com o senhor, com suas lições e com seus exemplos.

Como vê, meu amigo, eu fui narco-tisando as dores do velho, antes de me as elle revelar, para mais valerem minhas palavras.

— Tens razão no que dizes, e eu que, por graça de Deus, tenho-te dado até hoje lições e exemplos de salvação, não posso, nos ultimos dias, destruir a obra de tão longa vida.

Tens razão, Joaquim. Tens toda a razão.

Entretanto esta prova por que estou passando pede mais do que valem minhas fracas forças.

— O que tem, então, o senhor que tanto o afflige e o faz tão desanimado, como nunca o vi?

— Foi para te contar, para te abrir meu coração magoado, que te mandei chamar.

— Pois aqui estou para ouvil-o, e, se me julgar digno, para repartir suas angustias.

— Angustias crueis, meu filho; tão crueis como nunca soffri, e que me fizeram pedir a morte.

— Felizmente, vosmecê encontra forças em sua alma para resistir a esta tentação, para receber resignado a dura provação!

— Felizmente tu me lebraste o meu maior dever.

— Já vê que o que planta sempre colhe, e que é gloria para elle a melhor colheita.

— Sim; mas essa gloria elle só a experimenta quando o terreno em que planta não é estéril.

Agradece-lhe a fineza, mas redargui dizendo:

— Do amanho do terreno é que depende a boa espiga.

O velho ficou silencioso por longo tempo, embebido em profunda meditação.

— O que farias, me perguntou, rompendo bruscamente o longo silencio; o que farias, se apanhasses tua prima Margarida em flagrante de amores com um homem casado?

Umnó na garganta tolheu-me a voz.

(Continua.)

homem, emb bido no presente, não busca na noite mysteriosa do passado, nesse livro immenso da historia da humanidade, as lições de luz que lhe podem abrir as portas do porvir.

E a virgem das florestas vela sombria, enquanto a escravidão humana hastea seu estandarte negro sobre a fronte dos povos, porque, tristemente, a escravidão moral, o atrophiamento dos direitos dos povos está na razão directa do jugo da escravidão material; e esta querida patria pela qual ainda velo do espaço, essa māi estremecida que me gerou tantas vezes em seu seio em mais de uma encarnação, eu a vejo agrilhoada, peada em seu curso progressivo, porque nella impera o embuste, em lugar da esplendorosa verdade que deve ser a alavanca poderosa do seu real engrandecimento moral e material. Por isso vela a imagem triste da santa liberdade nos ermos, onde tão nobres raças foram perseguidas e extintas. Ella, emblema das paginas santas do Evangelho que nivelava os homens como irmãos diante do Pai de amor, espera pacientemente o dia de sua glorificação, em que do seio do deserto, illuminada pelos clarões da justiça eterna, possa irradiar sobre a fronte dos povos, e unir os todos em fraternal amplexo, ligados pelo pensamento, pelo sentimento e pela caridade que jorra do seio do Altissimo.

Caraimurú dos tempos idos, chefe soberbo das florestas, viu seu povo sumir-se, como o pó que o vento levanta e dispersa no espaço.

Oh minha idolatrada patria, objecto sagrado do meu estremecido amor, um dia, talvez breve, quem sabe?... as trevas do captiveiro moral que te intibiam as forças e tolhem-te os movimentos, serão espancadas pelos raios do esplendido sol da liberdade, que virá do seio da eternidade espargir seus fulgores sobre a virgem das florestas; e Caramurú de outras eras, tambem do espaço onde paira sobre ti, entoará seu cantico de amor á santa liberdade, filha dilecta de Deus, irman genea da caridade, unificadora das crenças, redemptora de seus irmãos.

Esperai um pouco mais, e o ponteiro que marca as eras dos povos, se moverá, e virá o dia da regeneração.

J. DE ALENCAR.

Um mendigo philanthropo

Do periodico spirita *La Buena Nuova*, de Sancti-Spiritus, resumimos o seguinte:

A 10 de Setembro de 1887 faleceu em Santa Fé Cecilio Tolosa, ou o Tobias de Santa Fé, como alguns chamavam-n'o. Era cordovez, e já de ha muito residia em Santa Fé, onde por suas numerosas obras humanitarias tinha captado a sympathia e estima geral.

Era orpham, não conhecera as doçuras do lar; vivia só, completamente

devotado a soccorrer os enfermos, enterrar os mortos e consolar aos desvalidos como elle. Coberto de farrapos, continuamente ferido pela miseria, tremendo de frio, carrega lo de annos, acozzado pela fome, esse miseravel era a providencia das familias pobres e o deus dos famintos errantes e desesperados.

Ser estranho, digno dos mais calorosos affectos dos bons, cerrou os olhos na vida terrena, vendo-se rodeado de grande multidão que fazia votos pelo afastamento de sua hora final.

Em riquissimo ataúde seu cadaver foi levado á mão até o templo, seguido por imenso concurso, achando-se na igreja desde o governador da província até o ultimo mendigo, desde a mais opulenta dama até a mais humilde operaria. Quarenta corôas cobriam o feretro, oferecidas pelas pessoas mais notaveis de Santa Fé. Os jornaes lhe dedicaram sentidos artigos necrologicos, e no intimo das choupanas as mulheres e as crianças choraram a morte do philanthropo mendigo.

Eis um exemplo do modo por que elle exercia a caridade:

Uma tarde viu elle dous cavalheiros que passavam; chegou-se a elles e pediu-lhes um real; recebeu-o, agradeceu e seguiu seu caminho. Levados pela curiosidade estes o seguiram, occultando-se, e viram-n'o chegar á praça Vinte e Cinco de Maio, encaixinhar-se para um banco, onde dormitava um pobre velho de origem franceza, tocal-o ligeiramente no ombro, pôr-lhe na mão o real que levava, e fugir rapidamente, como se tivesse praticado um roubo. Os cavalheiros interrogaram ao mendigo da praça, e este em resposta mostrou-lhes o real, que elle ignorava quem lhe havia dado.

Pela illustre medium, Sra. D. Amalia Domingos y Soler, foi recebida a respeito a seguinte comunicação do mundo espiritual:

« E' justa a tua admiracão, pois, effectivamente, em um presidio como a Terra não abundam as almas generosas, porque se abundassem, converteriam essa penitenciaria em um paraíso, e não pôde brilhar no fundo dos abyssos o Sol que coroa com seus raios de ouro os altos cimos das montanhas, por isso quando se encarnam neste mundo espíritos elevados, soem vestir humilissimo envolvimento, para passarem desapercebidos da generalidade e só aos afflictos prestarem os benfícios effluvios de seu sentimento; porque a virtude, em seu maravilhoso esplendor, com todos os dons que de direito lhe pertencem, seria um sol que vos deslumbraria; além do que as condições deste planeta tolhem ao espírito o progresso no seio das grandes riquezas e dos faustos esplendores, porque os seres tantos que ahi vivem do engano e da exploração, o rodeiam, o cercam, o assediam, o

prendem em um circulo demasiado estreito, e o poderoso, se derrama seu ouro a mãos cheias, vai criar vicios entre aquelles que abusam da sua bona fé, augumentar a ingratidão com a facilidade da dadiva entre os exploradores de profissão; se elle se poser em guarda para estudar e conhecer a diferença que existe entre o verdadeiro necessitado e o parasita social, terá um trabalho fatigante, numa lucta que não merece sustentar aquelle que já tem o grau de perfeição, a que atingiu o espírito de que nos ocupamos.

Quem diria que aquelle mendigo solitario estaria hoje cercado de maravilhosos esplendores, não tendo mais necessidade de voltar á Terra, a não ser, decorridos seculos, no desempenho de alguma importante missão, para ser adorado como um legislador divino pelas almas sedentas de justiça?

Sim, a historia desse espírito é interessante e longa; dotado de grande energia, amantissimo da humanidade elle teve tambem seus momentos de desalento, pedindo, como Jesus, que o Senhor afastasse de seus labios aquelle calice; mas a esses curtos desfalcimentos succedia sempre a reacção generosa de sua fé immensa na Omnipotencia Suprema, pois desde o alvorecer de sua intelligencia acreditou sempre na existencia de uma causa primeira e adorou-a na natureza, sem deixar de estudar as diversas religiões, syntheses das successivas civilisações que colonisaram este planeta; e quando dominou todas as afflições terrenas, quando se julgou assaz forte para ser grande sem o amor de uma māi, sem os laços de uma familia carinhosa, sem a commodidade da abundancia, sem a consideração social, resultante de uma posição honrosa, veiu só, isolado, cercado de privações, dizer:

« Adeus Terra! adeus! parto depois de haver experimentado todas as tuas dores e sorrido com as tuas fugaces alegrias, depois de haver demonstrado como amam as almas generosas, como fazem suas as penas alheias, esquecendo as proprias; como se interessam pelos que vivem isolados e opprimidos pela escravidão da miseria. Depois de haver escrito uma pagina de gloria na historia desse mundo, posso dizer: Adeus Terra! Adeus penitenciaria de debelis espíritos escravos das paixões; vou respirar novas brisas, adquirir novos conhecimentos, subir mais um degrau na escala do progresso. Adeus Terra! Os resplendores do infinito me atrahem, como a luz atrahe as mariposas dos vossos vergeis; eu, porém, não morrerei como essas flores do ar. Banhar-me-hei em um oceano de luz e, envolto em luminosas roupas, seguirá na minha peregrinação, pedindo hospitalidade aos mundos em que tenho o direito de penetrar. »

Isto pensou esse espírito em sua

ultima encarnação terrena, epílogo do seu viver nesse planeta e preparação para nova viagem. Ditosos os espíritos que, como o mendigo philanthropo, deixam após si um pó de soes e a essencia do amor! Segui, se poderdes, suas pegadas, que são o caminho recto do progresso, a prática benedita do amor universal. Adeus!

SEÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Continuação)

Dominado por um poder irresistivel, o mancebo seguiu-o cabisbaixo, e ambos entraram na choça do solitario, que, cerrando a porta e acendendo uma vela de carnaúba, veiu assentarse diante do companheiro.

* * *

Para melhor conhecermos o principal personagem deste conto, temos de remontar o curso do tempo e transpôr, sem os incomodos das viagens terrenas, uma extensão de centenas de leguas. Eis-nos chegados. Estamos no começo do nosso seculo, nos campos fertilissimos da encosta occidental da frondosa Serra do Herval, na província do Rio Grande do Sul.

Nas proximidades da margem direita do rio Camaquán erguia-se uma modesta casinha, habitada por um casal de pequenos agricultores. A mulher teria seus 45 annos e o marido era maior de 50. Eram ambos morenos, parecendo mestícos de indio com branco. Os fructos que com tão diminuto cultivo a terra ahi produz, davam-lhes os meios sufficientes para viverem independentes. A vida corria-lhes sempre feliz, libertados, como estavam, das necessidades ficticias, que tanto mortificam aos habitantes das cidades. Eram muito religiosos, viviam em boa harmonia com seus vizinhos, que os estimavam e respeitavam.

Uma só cousa lhes faltava, como elles criam, para se julgarem completamente ditosos: era a vindia de um herdeiro, com quem partilhassem seus affecções, e que teimava em não querer lhes dar esse gosto.

Afinal o céu ouviu-os, e o tão desejado filho veiu ao mundo. Deram-lhe o nome de João Paulo.

A alma humana é sempre varia e inconstante: satisfeita a ardente vontade do casal, vieram-lhe os sustos pelo futuro do menino. A província continuava a ser agitada pelas lutas de Portuguezes e Hespanhóes, o espirito militar despertava por toda parte, e a pobre māi já estremecia á ideia de ver um dia esse anjinho, que sorrindo lhe estendia os bracinhos, atravessado por uma lância ou varado por uma bala inimiga.

O pequeno foi crescendo, mas era de natureza enfermiza, o que obrigava seus pais a vigiarem-n'o sempre com toda solicitude. Era elle de um genio triste e concentrado, amante da solidão, muito docil e obediente, excessivamente medroso de almas do outro mundo.

Era um temor inexplicavel para seus pais, pois elles, conhecendo isso, buscavam sempre incutir-lhe no animo que as almas dos mortos iam para muito longe e não podiam vir ao mundo.

O menino tinha arraigada a crença na sobrevivência do espírito ao corpo, e tinha medo d'aquelle.

Uma outra causa ainda incomodava sens pais: o menino, quando estava só, tinha o hábito de falar como se conversasse com alguém, o que lhes fazia temer que elle viesse a acabar louco.

Uma vez, tinha elle 7 annos, pouso na morada de seus pais um viajante, que parecia pessoa bem collocada na hierarchia social. Estabelecida a familiaridade entre elle e seus velhos hospedes, contou elle a sua desventura de ter uma filha soffrendo, havia já longos annos, de um mal que ninguem podia definir, e que resistia a todos os recursos da medicina.

João Paulo que estivera ouvindo a conversa, sahiu e pouco depois voltou com um molho de ervas, que entregou ao viajante, dizendo-lhe:

— Tenha fé em Deus, senhor! Dê uma infusão disto à sua filha e ella sarará.

Todos olharam pasmos para a criança, em cujos olhos havia uma tal expressão de angelical ternura que captivava e impunha. Sua mãe correu e suspendeu-o nos braços, receiosa e sem saber explicar o que se passava.

Felizmente o viajante era um homem crente e, aceitando o presente, disse:

— Muitas vezes Deus se serve das criaturas fracas e inocentes para produzir suas grandes obras. Aceito suas ervas como uma dadiça do céu.

Toda a noite passou a pobre mulher em sobresaltos, esperando a retirada de seu hospede para pôr o menino em confissão.

Amanheceu; o viajante seguiu a seu destino, e elia anciosa chamou a contas o pobre João, que realmente não sabia explicar causa alguma.

Elle contou que ouvira como uma voz intima, que elle já estava acostumado a ouvir, e que esta lhe mandara sahir e ir ao mato proximo, e que ali ella ainda lhe dissera apanhasse daquella erva e levasse-a ao hospede de seus pais; e que depois disso elle ignorava tudo o mais, que havia feito.

A māi, desatinada, quiz levar-l-o ao padre para benzel-o, mas seu marido oponz-se dizendo-lhe:

— Esperemos o resultado; se este for bom, não pôde ser uma obra do diabo, mas de Deus, como bem disse o nosso hospede.

Passaram-se uns quatro meses. Uma manhan chegaram à casinha um homem e uma dama, bem trajados, pessoas de distinção que viajavam a cavalo.

— Não pude ir adiante sem vir velos, disse o cavalheiro, que era o viajante de quem faltámos acima. Vamos, minha filha, abraça o teu pequeno medico, foi elle o intermediario de Deus para a tua cura.

A moça apertou nos braços o pequeno e beijou-o.

Em balde quiz o cavalheiro dar a sua bolsa em paga do grande favor recebido, com muita delicadeza lhe foi recusada.

— O que poderei então fazer por seu filho? perguntou elle. Devemos-lhe tanto.

— Dê-me uma moeda para a pobre vinya, que mora ali adiante, e que acaba de perder seu unico filho na fronteira.

A moça tomou a bolsa de seu pai, entregando-a ao pequeno, disse-lhe:

— Tome, dê-lhe tudo, no seu e no nosso nome.

João Paulo sahiu correndo, orgulhoso com o seu triunfo.

— São muito felizes, meus caros hospedes! Seu filho é o maior the-

soaro que o céu lhes podia conceder. acrescentou o viajante ao montar a cavalo.

Ao passarem por uma palhoça, que ficava ao lado da estrada, João lhes veiu ao encontro, e lhes disse:

— Não continuem a sua viagem; a fazenda para onde se dirigem foi incendiada, e seus parentes não estão longe daqui.

Estavam ainda perplexos os viajantes, quando um cavalheiro, recordando-os, veiu a elles, e indicou-lhes o ponto onde encontrariam aqueles a quem buscavam. Tudo era exato, como João Paulo anunciara.

A noticia dessa cura maravilhosa propalou-se, e muitos enfermos lucraram com isso.

Em todos os tempos da historia da humanidade apareceram na Terra naturezas predispostas à comunicação com os habitantes do mundo invisível; eram os adivinhos de ontrora, são os mediumuns de hoje. Mais raros nos tempos que já foram, em que por ser atraço o homem não podia compreender esse subido dom do céu; os mediumuns hoje se multiplicam por todo o mundo, patenteando aos olhos de todos a nossa constante convivência e an o mundo espiritual.

Os espíritos podem auxiliar-nos em tudo, o que diz respeito ao nosso progresso phisico, moral e intellectual; elles são os grandes impulsionadores dos aiantos, que vão tendo as sciencias, as artes, as industrias, etc.

A mediumnidade curadora ou pela transmissão de fluidos do medium e do ambiente, por intermedio deste, ao corpo do enfermo, e a receiptista que indica as enfermidades e os medicamentos, que as devem combater, são dous poderosos agentes de propaganda, que há de sempre triumphar de todos os meios que os despeitados empregam para reduzil-os ao silencio. Inutilisai um medium, surgirão cem; porque os instrumentos doces não faltam, e os suggestionadores espirituais zombam dos odios dos potentados da Terra.

João aprendera o officio de marceneiro, porque tinha gosto para isso, e seus pais não o quizeram contrariar.

Seguiram-se as guerras da minoridade, a proclamação e desaparecimento da republica de Piratiny, aspiração precoce de almas patrióticas, e no meio dessas agitações João Paulo perdeu seus idolatrados pais com poucos meses de intervallo.

Elle sabia que os mortos não iam para longe, que esses seres queridos estavam com elle, que a velhice já lhes tornava a vida pesada, e por isso resignou-se; mas não quis continuar a viver ali; vendeu ou deu o que tinha, e foi estabelecer-se em Porto Alegre com casa de marceneiro.

Ahi conservou-se 10 annos, ganhando pelo seu officio o preciso para aliviar muito sofrimento, exercendo a caridade, como manda o Evangelho, em que o beneficiado recebe o auxilio, sem conhecer a mão que lho presta; ilustrando seu espírito pela leitura e observação, e derramando no círculo em que vivia, as luzes colhidas em suas luçubrações.

Elle via cada dia assaltarem-lhe o espírito novas ideias, que o transformavam completamente; da religião acanhada que recebera de seus pais, sua mente illuminada ia buscar na natureza o unico templo digno do Creador. A abobada azulada do firmamento; os brillantes focos de luz nela suspensos sobre as nossas cabeças; o mar imenso, ora calmo e sereno como a alma do justo, subindo aos céus n'um raio de crença, ora revolto pela tormenta, como a mente

do criminoso agitada pelos remorsos; o doce canto das aves, o gemer da brisa, o estalar do raio, tudo lhe parecia animado, tudo lhe fallava de Dous e da eternidade.

Sua mediumnidade receiptista e curadora foi-lhe ali um poderoso instrumento para acalmar muitas dores e restituir a saúde a muitos infelizes, que sem isso teriam sucumbido à nigna de tudo.

Os invejosos começaram a odial-o e buscavam meios de comprometê-lo, mas uma mão oculta protegia-o, e sempre os planos tenebrosos de seus desafectos eram malogrados.

(Continua.)

A CRISE DA MÍDIA SOCIEDADE

— (Continua)

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO

DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— (Continua)

Eu não sabia o que responder, tendo feito de frei Thomaz, aconselhando resignação, quando minha alma estava sedenta de vingança.

O velho percebeu minha perturbação e a excitação que me dominava, e, pensando, talvez, que eu duvidava do facto, disse com entranhada raiva:

— Eu supreendi-o. Eu ouvi. Ninguém me contou.

Só assim posso convencer-me, disse por parecer que ignorava tudo.

Mandei chamar o infame e impulsionar a fuga immediata, sob pena de fazê-lo desaparecer da terra.

Ah! se elle não fizer o que lhe ordenei, afirmo-te que collocarei a honra acima até de minha salvação!

— Não comprometta sua alma, meu bom avô; deixe-me o encargo de manter illesa a honra de nosso nome. Não confia em mim?

— Reconheço que és homem e que tens uma alma bem formada; mas para o caso me pareces fraco pelas ideias que enunciaste.

— Eu saberei conciliar-as com as exigências mundanas. A justiça de Deus toma muitas vezes seus instrumentos na terra.

— Bem; muito bem. Incumbe-te de fazer cumprir minha sentença; mas só recorre a medidas extremas, se o miserável não fizer o que lhe impuz como condição de vida.

— Fique tranquilo, que, se tenho nobreza d'alma, também tenho consciencia.

Diga-me, porém, o nome do miserável.

— E' Antonio Bento, gemeu o velho; e caiu em uma cadeira.

Compreende bem que eu perguntei o nome do miserável, só para fingir que o ignorava.

— E Margarida? perguntei, sondar o coração do velho sobre a moça.

— Esta morreu, e se está viva e tem meu sangue nas veias, ha de fugir desta casa, que nunca foi lupanar, e entregue seu corpo às feras na matinha.

— Oh! meu avô. Vosmece desrásou!

Margarida é uma boa alma; mas é uma natureza ardente e fraca.

O seductor estudou-a, conheceu-lhe o fraco, atacou-a por ali.

Só, sem uma alma que lhe fosse confidente, que lhe desse coragem, que lhe lembrasse o dever; sua queda

é mais para lamentar do que para condenar.

A sedução fascina aos fortes, quanto mais aos fracos e inexperientes.

Senhor. Todas as maldições sobre o perverso, que abusou da inocencia e da fraqueza.

O castigo de Margarida não pôde ser mais cruel do que ver-se deschida da consideração geral no desprezo dos que a cercam.

Tenha pena della, que ninguem ha mais digno de sua comiseração.

— Vai afastar desta terra o causador de tanto mal, e depois fallaremos de Margarida.

* * *

Saih da sala mais satisfeito do que esperava: primeiro porque tinha em minhas mãos, só em minhas mãos, o homem que me roubara o amor de Margarida, tornando-o impossível, segundo porque consegui afastar de uma atmosphera mephitica o velho a quem dedico amor de filho, e terceiro porque pude assentar os alicerces da reconciliação de meu avô com a neta.

Sei que nunca mais esta voltará a ser seu idolo, porque sua alma é tão afeiçoada aos principios da honra, que repugnar-lhe-ha sempre a ideia de que a moça não é a candida pureza que sonhara; mas ao menos terá na casa natal o respeito devido a seus habitantes.

Saih, pois, e vim para meu quarto, onde ainda encontrei Margarida chorando ajoelhada diante de um cruxifixo, que fora de minha māi, e que eu conservava ali, por duplo respeito.

Veiu-me á mente, a descontinar aquelle quadro, a lembrança da Magdalena, e uma lagrima escapou-me das palpebras.

Morta para as alegrias do mundo, permitta Deus que sua alma se abra ás alegrias do céu!

Margarida, sentindo meus passos, ergueu-se anhelante, como o réu que espéra a sua sentença.

— O que houve? O que quer meu avô fazer de mim?

— Não houve causa de maior, e meu avô, conquanto muito legitimamente offendido, nada resolverá á seu respeito, que lhe possa causar mal.

— Ah! Eu não receio mal, nem mesmo a morte; o que receio, o que me é insuportável, é o desdém, é o desprezo daquelle que adoro como pai, e que me suppos sempre um anjo.

— Mas, minha prima, toda culpa arrasta sua punição, e se o desprezo de nosso avô é sua maior tortura na vida, foi sua culpa quem o provocou.

— E' assim, Quiquin; mas não haverá modos de cortar a alma pelo meio, como se corta a perna e o braço gangrenados?

Mulheres, exclamou a moça, se quereis evitar desespero maior que o do inferno, velai por vossos passos, acatulai-vos por que não deis nem um em falso; porque o pé que escorrega arrasta o corpo ao abysmo!

Eu estava transido de dor assistindo ao desespero de uma alma, que renegava a culpa e não podia desligar-se dela!

— Minha prima, disse eu, aproximando-me da moça e tomando-a nos braços...

— Largue-me, largue-me. Não está ainda satisfeita!

— Margarida!

(Continua).

Falla-se muito hoje de uma enfermidade que se manifesta no organismo humano; verificam-n'a diariamente, mas ninguem lhe conhece a causa e sabe o nome a dar-lhe.

Essa enfermidade é evidente, seus efeitos sensíveis são provados pela experiência e se referem principalmente ao sentido do tacto, isto é, ao verificador geral de todo o conhecimento.

Neste sentido continuamente se tem reclamado o exame da sciencia contemporanea; mas ella, por toda resposta, zomba com o riso ironico de Piron, precisamente por não estar o seculo preparado para isso, como geralmente se diz.

Porém o autor da phrase por mim acima citada, certamente a não escreveu pelo mero gosto de escrevel-a; ao contrario, me parece que elle não sorriá desdenhosamente, se o convidarmos a observar um caso particular, digno de atrahir a attenção e ocupar seriamente o espirito de um Lombroso.

Quero fallar de uma enferma pertencente à mais humilde classe social, de 30 annos de idade, mais ou menos; seu olhar não é fascinador nem dotado dessa força, que os criminalistas modernos chamam irresistivel; mas ella pôde, quando quer, de dia ou de noite, pelos phenomenos surprehendentes da sua enfermidade, divertir durante uma hora um grupo de curiosos, mais ou menos scepticos, mais ou menos faceis de se contentarem.

Presa a uma cadeira, ou segura fortemente pelos curiosos, ella attrahe os moveis que a cercam, os levanta, os conserva suspensos no ar como o esquife de Mahomet, e os faz descerem com movimentos ondulatorios, como se obedecessem à direcção de uma vontade estranha; ella lhes aumenta ou diminue o peso, segundo a sua vontade; fere, martella o tecto, o solo e as paredes com rythmo e cadencia, respondendo ás perguntas dos assistentes; claridades semelhantes ás do magnesio saltam de seu corpo, envolvem-n'o, ou cercam os assistentes testemunhas dessas scenas maravilhosas; ella desenha tudo o que se deseja sobre as cartas que lhe apresentam: algarismos, assignaturas, numeros, phrases, apenas estendendo a mão para o lugar indicado; se collocar-se em um angulo da camara um vaso com argila molle, encontra-se depois de alguns instantes a impressão de uma mão grande ou pequena, de um rosto de admiravel precisão, visto de frente ou de perfil, e que pôde ser reproduzido em gesso; assim se tem obtido retratos de diferentes posições, facilitando a occasião de farem serios e importantes estudos, aquelles que o desejam.

Essa mulher eleva-se ao ar, quase quer que sejam os laços que a retêm; ella se conserva assim, parecendo deitada no vacuo, contrariamente a todas as leis da estatica, e parece

libertada da accão da gravidade; ella faz soar instrumentos de musica, organs, sinos, tambores, como se fossem tocados por mãos ou agitados pelos sopros de gnomos invisiveis.

Chamareis isso um caso particular de hypnotismo, direis ser essa mulher um fakir de saia, que a farieis encerrar num hospital... Não desloqueis a questão, eminent professor; o hypnotismo, é causa sabida, só causa uma illusão momentanea; depois da sessão tudo torna à sua forma primitiva; mas aqui o caso é diferente; nos dias que se seguem a essas scenas maravilhosas, restam dellas traços, documentos dignos de consideração. Que pensais disso?... Deixai-me continuar. Essa mulher em certas occasões pôde crescer de mais de 10 centimetros; é como uma boneca de borracha, um atomato de novo genero, toma as formas mais bizarras. Quantas pernas e braços possue ella? Não sei dizer. Em quanto seus membros são retidos pelos mais incredulos, nós vemos apparecerem outros, sem saber-se donde vêm; seus calçados são muito pequenos para encerrarem os pés enfeitiçados, e esta circunstancia particular faz suppor haver nisso a intervenção de um poder mysterioso.

Não zombeis; quando eu digo: faz suppor, nada affirmo, rireis na occasião opportuna.

Quando essa mulher está amagrada, vê-se aparecer um terceiro braço, de origem desconhecida, que nos diverte, tirando-nos os bonets, os relogios, o dinheiro, os anneis, os alfinetes com nina habilidade admiravel; ella sacanos a casaca, o colete, as botas, escova-nos os chapéus e entrega aos seus donos, alisa-nos os bigodes e também, de vez em quando, mimoseia-nos com alguns socos, porque também tem seus momentos de mau humor.

A mão da mulher é pequena, mas esta terceira é grosseira e callosa, ornada de grandes unhas, humida, ora apresentando o calor natural e ora o frio glacial do cadaver; ella se deixa serrar, observar attentamente, quando ha luz bastante para isso, e acaba por elevar-se, ficando suspensa no ar, como se o punho fosse cortado.

Juro-vos que saio com o espirito muito calmo do antro dessa Circé; e livre de seus encantamentos, passo em revista todas as minhas impressões e acabo por não crer em mim mesmo, ainda que o testemunho dos meus sentidos e da minha consciencia me confirme, que não fui o ludibrio de um erro ou de uma illusão. Um montão de volumes dos mais illustres experimentadores antigos e modernos, que é inutil inumerar aqui, atestam a verdade, o lado real dessa charlatanaria paradoxal.

Neste estudo se apresentam sempre consas novas e inesperadas; acaba-se trocando uma saudação, um aperto de mão com personagens, que appaem e esvaem-se como sombras em alguns

instantes. Não é possivel atribuir-se à magia todas essas manobras extraordinarias; vós dizeis que devemos estar prevenidos contra o embuste, dar rigorosa busca na pessoa de que eu me occupo, assim de tornar impossivel qualquer fraude; ficai sabendo que os factos nem sempre correspondem à expectativa inquieta dos assistentes, o que é ainda um mysterio sem explicação e que, bem considerado, prova que o individuo que opera, não é o só arbitro dessas maravilhas, sem duvida elle possue a exclusiva facultade desses actos prodigiosos, mas elles só se podem produzir com o concurs de um agente ignorado, un ser a que chamamos o *Deus ex machina*.

De tudo isso resultam a grande dificuldade de estudar o fundo dessa estupenda charlatanaria e a necessidade de fazer-se uma serie de experiencias, para formar-se um grupo de homens capazes de esclarecer os incantos e vencer a pertinacia dos quereladores que, sabe-se, negam o privilegio dos espiritos observadores.

Esses quereladores por um simples indicio descobrem a evidencia das forças occultas da natureza; da queda de uma maçan, do movimento de um pendulo elles querem deduzir as grandes leis, que regem o universo.

Ora, eis o meu desafio: Se vós não escrevestes a phrase acima citada só pelo prazer de escrevel-a, se realmente tendes amor á sciencia, se não sois escravo de prejuiclos, vós, o primeiro alienista da Italia, fazei-me a fineza de vir a campo, persuadido de irdes aqui encontrar um homem cortez.

Quando poderdes ter uma semana de folga, designai-me um lugar, onde nos possamos encontrar; escolhei o momento que mais vos agrade, e eu vos apresentarei a minha feiticeira.

Escolhereis uma camara, onde eu entrarei só com vosco antes da experiencia, e nella collocareis os moveis e os instrumentos de musica que quizerdes, fechando á chave o vosso piano. Julgo inutil apresentar-vos a dama no costume adoptado no paraíso terrestre, porque esta nova Eva é incapaz de tomar a sua desforra sobre a serpente e seduzil-a. Quatro cavalheiros nos acompanharão, como convém nas justas cavalheirescas; vós escolhereis dous que eu só verei no momento do recontro, e eu levarei os dous outros. Nunca se ofereceram melhores condições aos cavalheiros da Mesa Redonda. E' evidente que, se a experiencia for mal sucedida, vós me julgareis como um allucinado que deseja ser curado de suas extravagancias; mas, se o successo coroar nossos esforços, vossa lealdade vos imporá o dever de escrever um artigo, no qual, sem circumlocuções, reticencias ou expressões ambigas, atestareis a realidade dos mysterios phenomenos, e prometeireis investigar-lhes as causas.

Se recusardes, explicai-me a phrase: o seculo não está preparado para isso. Sem duvida, ella pôde ser explicada pelas intelligencias vulgarissimas não por um Lombroso, a quem se dirige este conselho do Dante:

« Com a verdade deve-se fazer cerrar os labios á mentira. »

Vosso devotado e respeitador

Professor, CHIATA ERCOLE.

O distinto prof. Lombroso aceitou o convite, e combinou o encontro com o seu amavel adversario.

Esperemos.

LIBERDADE

O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Continuação)

Uma vez convidei-n'o a ir á morada de um figurão da terra. Supondo que se tratava de utilizar-se do seu officio, elle foi sem receio. Ali encontrou sobre um leito de dores um ancião respeitável, que com a voz já muito enfraquecida lhe disse:

— Sr. João Paulo, ha 5 annos que sofro os tormentos do inferno, sem ter um minuto de descanso. Tenho consultado todos os facultativos daqui, e alguns mais nomeados de fóra; tenho experimentado um sem numero de medicamentos, e não consigo tollher a marcha do meu mal. Sei que com as suas ervas tem feito milagres, e quero confiar-me a si.

O pobre marceneiro procurou esquivar-se, pois reconheceu que alguns membros da familia do enfermo não o recebiam com agrado, sem duvida por julgarem-n'o um charlatão. Mas o velho acrecentou:

— Vá, pense e volte breve. Se não puder curar-me, busque ao menos dar-me algum allivio.

Recolhido a seu quarto o medium elevou seu pensamento aos céus, pediu a protecção de seus amigos do espaço, e obteve por escripto o seguinte conselho:

« As leis naturaes se têm de cumprir. O enfermo que visitaste hoje, se aproxima de sua hora final, que nenhum socorro humano conseguirá retardar. Seu mal não tem cura; não tentes o impossivel. Pede a Deus por elle. Aquela erva que ali tens, lhe poderá dar algum allivio, mas não cura-o. »

— Não conseguirei curá-lo, e que pretexto de accusação vou fornecer aos que me odeiam!... Pois hei de deixar soffrir aquelle homem por um receio que, talvez, seja sem fundamento?

Assim pensando ficou elle por algum tempo cabisbaixo e com os olhos fitos no chão. O relogio deu 6 horas, João ergueu-se, tomou a erva indicada e partiu. Chegando á morada do enfermo, veio recebê-lo a dona da casa.

— Minha senhora, disse elle, seu marido está irremediavelmente perdido; seus dias estão contados. Com uma infusão desta erva pôde se-lhe dar algum allivio. Quer tentar?

— Experimentemos, respondeu lhe ella e conduziu-o ao quarto do enfermo, que estorcia-se no leito, e estendeu-lhe a mão como implorando compaixão.

— Vai ter descanso: tenha fé; aconselhou-lhe João com os olhos cheios de lágrimas.

Nos seis dias que se seguiram, elle foi ver o seu doente, que se mostrava calmo, conversando com seus parentes e extremamente penhorado pelo benefício recebido.

No setimo dia soube João em sua casa que o enfermo tinha falecido, e que pela cidade accusavam-n-o de haver precipitado a crise. Essa noticia impressionou-o, mas bem de pressa a consciencia de sua innocencia triumphou, e elle esperou resignado os acontecimentos.

Poucos dias depois, chamado perante a autoridade, já bastante influenciada pelas suggestões de seus desaffectos, elle compareceu na secretaria da policia, e viu logo que nada tinha a esperar dos homens.

Expoz tudo o que se havia passado, que só por sentimento de caridade tentara aliviar os sofrimentos daquele pai de familia. O juiz foi inexorável e, declarando que as suas ervas tinham apressado a morte do enfermo, fel-o recolher à cadeia.

No dia seguinte pela manhan, ao abrir sua janella, o juiz viu um grupo de individuos na praça ouvindo um homem, que lhe fallava animado e apontando de vez em quando para o céu. Sua perturbação foi grande reconhecendo que esse homem era o mesmo, que elle prendera na vespera. Mandou à prisão imediatamente indagar do que havia, mas ali ninguem ainda suspeitava, que o preso se tivesse evadido. A guarda, o carcereiro, ninguem sabia explicar o facto; mas o preso já lá não estava. O juiz fez vir João Paulo à sua presença e pediu-lhe explicações.

— Eu tambem não comprehendo o que se passou; vi approximarse da porta da prisão um homem, abri-l-a e mandar-me embora, ordenando-me que, logo que despontasse o dia estivesse na porta de V. Ex., que me queria fallar. Sahi, os guardas dormiam; e o homem desapareceu, sem eu saber como nem por onde.

Algum comparsa seu, retorquiu o juiz com mau modo. Voltará para a prisão, e veremos se ainda os anjos ou o demônio o virão libertar.

O pobre seguiu cabisbaixo, foi de novo encerrado, e a guarda reforçada teve ordem de vigiar com toda atenção, com ameaça de severo castigo aos infractores.

A alta hora da noite o juiz foi à prisão.

Nenhuma novidade havia; o preso dormia tranquillo, as sentinelas dobradas estavam attentas, e o velho carcereiro tinha a chave da prisão amarrada à cinta.

Mal, porém, chegado à casa, se ia elle accommodando, bateram-lhe à porta.

Elle ergueu-se contrariado e mandou entrar a praça que lhe queria falar, e que lhe disse cheia de medo:

— Sr. chefe, o preso desapareceu; a porta estava bem fechada e vigiada por duas sentinelas, todos nós estávamos prompts deitados ali juntos. Eu ia passando pelo sonmo, quando senti puxarem-me a perna; ergui-me e vi as sentinelas caídas com um ataque, a porta fechada e a chave na cinta do carcereiro; mas o diabo do feiticeiro tinha-se escapado.

Imagine-se a colera do potentado, vendo-se assim ludibriado e exposto ao riso de mofa dos salões:

— Vocês me hão de dar conta desse homem, morto ou vivo, travejou elle, despedindo a praça.

Tres dias depois um camponjo, vindo da villa do Triunfo, contou que, se

approximando do rio Jacuhy, viu caminhando, a algumas braças adiante de si, o curandeiro João Paulo; que, levado pela curiosidade, elle acompanhou-o, viu-o chegar à margem do Jacuhy, ajoelhar-se, lavar a cabeça e desaparecer; que indo até esse ponto, elle não descobriu alguém passando o rio.

Propalou-se a noticia do suicidio do curandeiro, e só então seus protegidos conhecera a morte oculta, que os auxiliava. Na sua officina, porém, não se encontrou declaração alguma.

Pouco tempo depois o chefe que tanto o perseguiu, com a razão transtornada, suicidou-se lançando-se ao mar: facto que muita gente atribuiu a um castigo do céu.

Foi cerca de 8 mezes depois do desaparecimento de João Paulo, que surgiu o solitario nas margens do Alto Madeira.

* * *

João fitou tristemente por algum tempo seu hospede, que conservava os olhos fitos no chão, a face apoiada na mão esquerda, e o cotovelo sobre a perna, e depois com acento commovido e paternal lhe disse:

— Dizem com razão, Sr. Alvear, que desaggravamos nossas penas, quando as partilhamos com um amigo. Bé-me a hora de julgar-me seu amigo, porque realmente o sou, e contém o que lhe faz tanto aborrecer a vida, ainda n'uma idade em que tudo sorri ao homem.

— Sr. João! Como as apparencias illudem! Ha, por certo, muita gente que me inveja a vida e, no entanto, "fui e sou o mais desventurado dos homens.

Tenho um segredo que, por vergonha, nunca confiei à pessoa alguma; mas sou obrigado a fazê-lo agora, pois ha n'ella plena justificacão ao que estou resolvido a fazer. Meu pai foi um negociante abastado da praça do Pará; minha mãe morreu dando-me à luz. Vê, pois, que não foi muito auspíciosa a minha entrada no mundo.

Meu pai concentrava em mim todo o seu carinho, mas como tinha de fazer continuas viagens ao Amazonas, e eu não possuia outros parentes na capital e nem podia acompanhá-lo, resolviu-se, só por amor de mim, a casar-se de novo, escolhendo para companheira uma moça de família muito pobre, que, ao menos por gratidão, devia interessar se por seu filho. Não aconteceu assim; essa infeliz foi o anjo mau que lhe envenenou os últimos annos da vida.

Vinha à nossa casa frequentemente um negociante arruinado do rio Negro, de carácter sombrio e antipathico, chamado André Turino...

— André Turino! disse João admirado.

— Sim; é o mesmo em que pensa; é esse velho estabelecido hoje em Manicó. Esse homem, depois de por 6 annos illudir a confiança de meu pai, acabou raptando-lhe a mulher.

— E a mulher? perguntou João.

— E' a mesma com que vive ainda, e que desposou depois da morte de meu pai; que, sofrendo e sempre triste, fugindo da sociedade, aguentou-se ainda 15 annos, só sustentado pelo amor que me dedicava. Morto elle, continuei com a casa de negócios, esforçando-me para imitar sua honradez, por todos reconhecida. Aos 25 annos julguei que devia casar-me, e sentindo inclinação real por uma menina, filha do negociante portuguez Jerônimo Rios...

— Parente desse que foi assassinado no Jamarí? perguntou João.

— Ele mesmo, que depois veio se estabelecer nesse ponto. Pedi sua filha

e fui aceito, mas por ser ella ainda muito jovem, o casamento demorou-se. André Turino conseguiu ter ingresso em sua casa, e eu depois de algum tempo comecei a notar que me tratava com frieza, e para abreviar, no fim de um anno a pobre Silvina casou com Alvaro, filho de Turino.

— Conheço-o: já vejo que teve a quem sahir.

Tem dado muitos desgostos à mulher, que hoje vive em companhia da viúva de Rios, e este morreu sem, ha muito, nem querer vel-o.

(Continua.)

A casa malassombrada

— «»—

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO

DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— «»—

(Continuação)

— O Sr. magnetizou-me como a cobra, venceu-me pela força, e depois prendeu-me a si pela vergonha.

Não está contente? Ainda quer que eu continue a cavar mais fundo o abysmo de minha degradação!

— Margarida, o que dizes?

— Digo que ao arrastamento dos sentidos, que me fizeram fraquejar até descer à posição vil da mulher perdida, opombo agora as forças de meu espírito, que me elevarão da baixeza, a que desci, às alturas da peccadora arrependida, da mulher regenerada.

— Meu Deus! O que ouço!

— Ouve a voz de um sangue nobre que se revolta contra sua propria degradação, ouve a voz da alma indignada contra a fraqueza do corpo que a reveste, ouve a voz de Margarida de Amorim que lhe diz: Sr. Antonio Bento, o Sr. é a encarnação do espírito das trevas; mas eu acordei, e não o temo, porque sinto junto de mim o meu anjo da guarda.

E dizendo aquellas palavras, chegava-se a mim e me dizia:

— Anjo de minha guarda, guarda de minha alma, que pela celestial gerarchia foste dado para minha defesa e guarda, defende-me, protege-me sobre-me com tuas azas, contra o inimigo espírito, que renuncio, que repillo, que amaldiçõo, em nome do Padre, do Filho, e do Espírito Santo.

Eu não sei descrever o estado de minha alma. Parecia-me que assistia a uma scena fantastica, em que via uma menina arrastada pelo demônio por um braço, e por outro segura pelo anjo de sua guarda, que desferia luz, a que o espírito das trevas não podia resistir.

Cheguei a crer que estava louco, ou que sonhava.

Margarida, porém, continuou.

— Sabe, infame, que nunca te amei, e que se me tomaste de surpresa o corpo, nunca conseguiste tornar-me o espírito e o co. ação.

Estes tinham senhor, criatura nobre, alma superior, a quem me roubaria, como a serpe rouba os queridos filhinhos à rôla dos bosques.

Elle chora a perda da amada. E esta, nem direito tem de chorar a sua perda, porque se reconhece indigna, até de sua comuniseração.

E a moça debuihada em lágrimas, estorcia as mãos em desespero.

— Calcule, meu amigo, qual seria o meu

Saber que a mulher a quem dedicava o amor mais puro que jamais filtrou de coração humano, era minha pelo coração e pela alma, e sabelo

pela boca dessa mesma mulher... perdida... e louca!

Efectivamente Margarida estava louca.

Seu espírito foi tão fraco para resistir à tentação, quanto para sofrer os embates dos sucessos que se deram naquella noite.

Eu senti reviver todo o amor que, ha pouco, amortecera em meu coração, como brasas ardentes cobertas pela cinza.

Amava perdidamente, amo loucamente aquella que, ha duas horas, era indigna de meu amor.

A mulher perdida nunca mais poderia ter meu coração.

A louca pelo arrependimento teve e tem um amor sem esperanças, mas firme como a rocha e profundo como o pelago.

— Diga-me, Sr. Leopoldo, já encontrei na terra um homem tão desgraçado como eu?

Leopoldo riu sinistramente, e respondeu por esta pergunta:

— Qual é mais desgraçado: o que ama uma louca, a quem pode ver, abraçar e beijar castamente a cada momento; ou o que ama com todas as forças da alma, com desespero, freneticamente, uma alma penada?

— Uma alma penada! Mas isso não é amor, é pura loucura!

— Ainda melhor.

Qual dos dous é mais desgraçado: o que ama sem esperança, mas no uso de sua razão; ou o que, também sem esperança, ama uma sombra, que ja lhe foi a noiva em dias felizes, e que nem ao menos está no uso de sua razão, como diz o senhor?

— Oh! Este é mil vezes mais desgraçado, principalmente se estou em erro, se está elle no pleno goso de suas faculdades.

— Pois, meu amigo, acabe a sua historia, para ouvir a minha, e depois consolar-se, se ha consolação em se reconhecer menos infeliz que outro.

Em todo o caso, tome este conselho de alta sabedoria:

O homem que sofre não deve olhar para cima, para os que são felizes, deve olhar para baixo, para os que são desgraçados.

* * *

— E' justo, disse Joaquim de Amorim, repetindo o postulado de Leopoldo: ao que sofre, a perspectiva da alheia felicidade irrita, ao passo que a de maior desgraça, compunge e consola.

— E' um dos efeitos do egoísmo, de que não está isento nem o mais puro espírito da terra.

En já aguardo ansioso sua historia, porque prevejo que é mais lugubre do que a minha e me trará balsamo consolador.

— Confessa-se, então, egoista?

— S: eu disse que não ha, na terra, quem não o seja!

— Pois acabe, para eu começar.

— Pouco me falta, e eu resumirei.

— Com muito custo me fiz reconhecer de Margarida, que não cessava de me pedir perdão pelo desgosto que me causava, e de supplicar com as mãos postas, que fizesse com que meu avô não a amaldiçoasse.

— Abracei-a beijei-a ternamente, e ella, transportando-se, em espírito, aos tempos da infância, começou a rir e a pedir-me que fizesse um cartucho para passear no terreiro, puchados por dous carneiros.

Prometti-lhe tu o o que me pediu, e ella ficou tranqüilla, dizendo-me:

— Você não sahe mais d'aqui, para brincarmos de manhã e de tarde?

(Cont'nua).

SEÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO
MADRUGADA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Continuação)

— Desfiz-me da minha casa de negócios e vim estabelecer-me aqui, há 6 anos. Agora ouvi o que nunca confiei a pessoa alguma. Desde criança dominou-me sempre um pensamento importuno e inexplicável de apossar-me do alheio.

Nunca tirei de quem quer que seja, juro-lh'lo pelas cinzas queridas de meus pais, alguma cousa; nunca enganei alguém para me apossar de um real que fosse. Ao contrário, meus escrupulos, muitas vezes, me causaram serios prejuízos. Apezar disso, porém, sempre me perseguia esse pensamento infernal. Isto me abatia, mas eu esperava sempre que Deus se amerciasse de mim.

Não me encontrei mais com Jerônimo Rios, senão ha cerca de dous mezes, quando tive de ir fazer-lhe um pagamento por ordem do meu correspondente do Pará. Ao entrar eu em sua casa, elle, pálido e chorando como uma criança, lançou-se-me nos braços, e contou-me a desgraça de sua filha, ligada a um mostro, como elle m' o disse. Busquei consolal-o, e no dia imediato, ao amanhecer, parti para cá. Elle acompanhou-me meio caminho, onde nos despedimos. Soube depois não haver elle tornado à casa, desconfiando-se que tenha sido assassinado e roubado, porque elle trazia consigo uma quantia importante e papeis de valor. Hoje recebi a noticia de ter vindo uma ordem de prisão contra mim como auctor desses crimes.

João, triste, abaixando a cabeça, disse á meia voz:

— Insondáveis arcanos da Província!

— Ah! tornou Alvear, exaltando-se, poderei eu crer nessa providencia? Luctei toda a minha vida contra a tentação do roubo, venci-a sempre, e a recompensa é ver hoje o meu nome injustamente maculado! Não, a ideia da justiça de Deus fugia-me da mente, e eu quero a morte como o termo, o aniquilamento de uma vida condenada à desgraça e à vergonha.

— Não se altere, tornou João, escute-me; conversemos ainda. Contemplando a magestade desse esplendido panorama que nos cerca, a harmonia sublime que por toda parte se manifesta nas obras da criação, a beleza arrebatadora do manto azul do firmamento, fina cortina de gaze corrida entre a nossa vista e a imensidão, onde rolam infinitos mundos, radiantes de esplendor e vida; meditando sobre os innocentes amores dessas inúmeras famílias de alados cantores, que encantam com sens ternos gorgeios estas solidões, ponde algum dia o senhor acreditar, que tudo isso fosse uma obra do puro acaso?

— Não, nada na natureza se fez por si mesmo. Deus existe, mas tem sido comigo bem cruel.

— Quem lhe affirma que esta prova, por que passa agora, não será o momento opportuno, para que se manifeste consigo, bem patente, essa justiça que agora nega? Luctou toda a sua vida contra a tentação; se accusado agora, apezar de inocente, essa sua innocencia for reconhecida e proclamada pelos homens, quando o senhor se julga irremissivelmente perdido, não virá isso confirmar-lhe a crença na existencia da força que

rege os destinos do mundo? e esse pensamento fortalecido não lhe virá dar mais animo para proseguir na lucta, que até hoje tem sustentado? O seu suicídio veio, pelo contrario, macular-lhe o nome, fazendo que se suspeite, que o senhor não era inocente da falta que lhe imputam. Defenda-se até a ultima hora, e deixe que Deus decida.

Eu vejo que o senhor acredita na imortalidade da alma humana. Raciocinemos. Nós vemos na Terra individuos bons e individuos maus. Seria possível que Deus, tão poderoso e tão sabio, fosse injusto? Não, a injustiça é filha do nosso atraço. Mas, se Deus é justo, porque nascem uns com propensões viciosas e outros com inclinações para o bem?

Só ha uma teoria que responde satisfatoriamente a essa pergunta, é a que nos ensina que esta não é a nossa primeira nem a nossa ultima vida, que nós já vivemos na Terra ou em outros mundos, e ainda viveremos aqui ou alihi, com outros corpos, para purificarnos de nossas imperfeições pela lucta, pelos sofrimentos. Cada uma de nossas vidas é um cadiño, em que o nosso espírito vem deixar uma parte de suas impurezas. Encarnando-se, nosso espírito traz os sentimentos que o dominam, os bons que o sustentam, os maus com que elle tem de lutar. O senhor pediu essa prova; com os seus sentimentos bons combate essa ideia de rapina que o obsedia, legado, não se offenda com isso, de suas outras vidas. Os espíritos estão em continua relação connosco; ha entre elles bons e maus, amigos e inimigos; é um inimigo seu quem lhe suggeriu esse sentimento repulsivo do crime; são seus amigos que o auxiliam no combate. Não fraqueie, resista e vencerá.

— Ah! Que vergonha! Meu Deus! Preso por assassino e ladrão!

— Tenha fé, retorquiu João com um tom de profunda convicção, eu tenho toda a certeza que o verdadeiro criminoso será descoberto.

No meio do silencio profundo que então reinava, ouviram ambos uma voz bem distinta de mulher dizer de fôra:

— Obrigada, João!

— Que é isso? perguntou Alvear sobresaltado, indo à porta.

— Alguma ave retardada que regressa ao ninho.

— Pareceu-me uma voz humana.

— Illusão, disse o solitario sorrindo; a esta hora n'ningém se approxima desta morada frequentada pelas almas do outro mundo. Vamos; eu o acompanharei esta noite.

O luar estava magnifico; o sitio ficava a uns 3 kilometros, e os dous foram dormir no sitio de Alvear; onde o velho desenvolveu-lhe todo o seu tesouro de doutrina, que derramou torrentes de fé e de esperança na alma do moço.

A's 7 horas da manhan chegou o subdelegado do districto, amigo de Alvear, que abraçou-o, e com a voz alterada lhe disse o que havia. Viera ordem de Manaus para prendel o por suspeitas de cumplicidade no desaparecimento de Jerônimo Rios, que se supunha fôra assassinado. As suspeitas baseavam-se em ter havido poucos annos antes um resfriamento de relações entre os dous, e ter Alvear ido à casa de Rios e sahido com elle, não tornando este à casa.

— Eu creio na sua innocencia, disse o receunechegado, como na minha p'ória. Vim só, e quero que me conte tudo, pois hei de fazer o possivel para descobrir o culpado.

Alvear narrou-lhe tudo minuciosamente; a indisposição que tivera com Rios havia 5 annos; o modo amigável por que este recebeu-o; o fim de sua visita, documentado com a carta do

seu correspondente e o recibo passado pelo desaparecido; o modo despreocupado com que elle voltou à sua casa, como podiam atestal-o os agregados, que o acompanharam na sua volta pelo rio.

Tinha, porém, Alvear de ir a Manaus e seguiu com o subdelegado para o Jamary, onde deviam aguardar a chegada do barco a vapor, que os levaria à capital da província.

Quando, pálido e com os olhos cheios de agua Alvear abraçou seu velho conselheiro, este repetiu-lhe ainda:

— Tenha fé; Deus o salvará.

* * *

Na margem esquerda da barra do Jamary erguia-se, na época a que nos referimos, uma grande casa de palha, onde se fornecia pouso aos passageiros, que ahi vinham esperar a chegada do barco a vapor, que fazia viagem de ida e volta para a capital.

O barco estava carregado e partia no dia seguinte. Varios negociantes ahi se achavam reunidos e conversavam sobre seus negócios. Alvear, que havia chegado na vespere, estava sentado a um canto, cabisbaixo e pensativo, scisnando na dolorosa situação em que se achava, supondo-ler em todos os semblantes uma repulsa, que talvez só existisse em sua imaginação.

— Sr. Alvear, disse o subdelegado, que com elle viera, vamos para a meia, são horas de almoçar; deixe-se de criançadas; seja homem.

(Continua.)

A casa malassombrada

— «:»—
ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO
DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— «:»—
(Continuação)

E estreñecendo e transfigurando-se, acrescentou com voz estertorosa:

— Mesmo assim é preciso para que o demônio não me apanhe sózinho.

— O demônio não volta mais, affirmei com segurança tal, que a moça encarou-me de olhos arregalados, e balbuciou:

— ... agora eu tenho a meu lado o meu anjo da guarda.

— E onde estava elle? perguntei para explorar a profundez de sua perturbação mental.

— Estava ausente, tinha ido fazer uma viagem longa... muito longa, quando chegou já era tarde.

— Ah! Porque se demorou tanto? acrescentou soluçando.

— Podia eu hoje ser ainda uma alma pura, podia ser... mas não devo fallar nisso!

— Já o dia vinha amanhecendo, e eu precisava sahir, para cumprir as ordens de meu avô.

Convidei Margarida a voltar para seu quarto, e ella prompta a fazer tudo o que eu queria, seguiu comigo para o quarto, onde deixei-a, recomendando-lhe que não sahisse, sem que eu a chainasse.

Por segurança, chamei uma preta velha que tomou conta de nós em crianças, e, depois de lhe dizer que Margarida estava louca, recomendei-lhe que a vigiasse, porque nada lhe acontecesse.

A pobre velha ficou consternada com a minha revelação, pois que nos votava amizade como de m'.

Consolei-a, quanto pude, dizendo que loucura é molestia que se cura, e sahi.

De volta a meu quarto, preparei-me de armas, carregando de novo minhas

pistolas, e parti para a casa do vaqueiro, cujo filho era meu pagem.

— José. Vae à casa do Sr. Antonio Bento, e dize-lhe que senhor velho precisa fallar-lhe. Eu te espero debaixo da gameleira, que fica no caminho. Vai e volta depressa.

O rapaz saiu correndo, e no fim de um quarto de hora veiu dizer-me: que Antonio Bento saiu de casa pela madrugada, para viagem longa.

— Pois eu e tu havemos de descobrilo, ainda que seja no inferno; disse ao rapaz.

— Vou já ver dous cavallos, na estribaria; e daqui a meia hora podemos partir.

— Pois sim, e nem uma palavra.

Eu bem sabia que José era mudo, quando se tratava de negócios meus; mas quiz sempre adverti-lo.

Em menos de meia hora estávamos a cavalo, armados como é de costume nestas terras, quando se viaja, embora não haja malfeitos.

Para onde vamos? Para onde foi Antonio Bento.

Mas para onde seguiu este? Ou seguiu para o Norte, em procura de seu tio Joaquim Bento, homem que tem fama de valente e mora na ribeira do Riacho dos Porcos, ou seguiu para o sul, em procura de Manuel Bent, seu primo, que mora no Trahiri, e que passa também por valentão.

Na estrada real é que poderei saber que direcção tomou.

Picámos os cavallos, e ao sahir do sol chegámos a uma casinha, na beira da estrada geral, e sita a duas leguas ao sul da fazenda de meu avô.

Appareceu-nos um rapasote, que nos perguntou se queríamos alguma cousa.

— Queremos saber se por aqui passou, de madrugada para cá, um moço alto, cheio de corpo, claro e bem apessoado, montando um cavalo castanho de frente aberta e arregalado das mãos.

— E' o Sr. Antonio Bento, mordomo do Sr. coronel Thomaz de Amorim?

— Ele mesmo.

— Passou por aqui ao romper do dia, quando eu chegava do matto, onde tinha ido caçar tatus.

— E não lhe disse para onde ia?

— Disse-me que ia ao Trahiri, de ordem do Sr. coronel.

Estava na pista do miseravel.

Antes das 10 horas do dia, passei por este logar, e fui ás 11 horas descançar na fazenda dos Macacos.

Soube ahi que o meu homem passara por volta das 9 horas, o que lhe dava duas horas de avanço.

Logo que o sol quebrou o calor, partimos dos Macacos, e pelas oito horas descobrimos no pateo da fazenda do Cupim, o cavalo que meu avô dera a Bento, p'astando, peiado.

Estava seguro o meu homem.

Depois que todos dormiam naquella fazenda, atravessei pela frente della, e fui poupar na matta.

Não dormi. Tinha n'alma uma sede de sangue, de vingança, que me fazia parecer eterna aquella noite.

Ao romper do dia ouvi o tropel de um cavalo. Era Antonio Bento.

Tomei uma das pistolas, e quando elle me vin, já eu tinha seguras as redeas e feito estacar o cavalo.

O infame, assim que me reconheceu, saltou em terra, e vendo que eu segurava uma pistola, exclamou:

— Que valentia! matar um homem desarmado!

Sen lhe responder, tomei a outra pistola, entreguei-lh'a, e disse:

— Defenda-se.

Não se fez de rogado, e l'hando a pistola, como fiz, estendeu o braço ao mesmo eu, e simultaneamente disp. armas.

(Continua.)

Influencia da luz sobre as materialisações de espíritos.

— O Sr. Mathieu Fudler publicou no *Medium and Daybreak* de Londres um artigo sobre o assunto à que se refere a epígrafe supra, do qual o *Messager* de 15 de Junho fez o resumo, que trasladamos para as nossas colunas.

« Os que não conhecem o Spiritismo, não podem absolutamente compreender a possibilidade de um espírito tornar-se visível e fazer mover objectos materiais; elles se admiram de que os espíritos, caso se manifestem, não o façam em plena luz, como fazem na obscuridade. A resposta a esta objecção é que os espíritos não são onnipotentes. Eu e todos os seres humanos não somos senão espíritos encarnados, que, despojados na morte de seu envolucro carnal, continuam a ser espíritos, visto que não é o seu templo terrestre ou a sua roupa que faz de cada um delles um ser humano, como não é a perda do seu envolucro que os faz ser espíritos. O homem ou o espírito que subsiste depois da sua transformação, é o mesmo homem ou espírito que vivia antes; e se o espírito adquire depois de seu desprendimento certas aptidões, em compensação perde outras e, em particular, a faculdade de ficar em contacto com suas substâncias materiais.

Se elle quizer readquirir esse poder, precisa de materia, e como ella lhe falta, pela subtileza da que constitue seu corpo fluidico, elle vai tiral-a dos espíritos encarnados. Para obter essa materia é necessário que um certo numero de pessoas sympatheticas umas às outras, meia duzia por exemplo, se reuna em sessão; o espírito desencarado manipula e concentra então a exhalacão ou emanacão da materia viva produzida por seus corpos. Depois elle se reveste momentaneamente com ella, e chega assim a tornar-se visível com a figura que tinha na terra. Uma vez que obteve esse resultado, elle pode conversar, escrever ou tocar um instrumento.

As pessoas que não estão familiarizadas com estas questões, objectarão que não temos provas de que os espíritos subtraiam realmente essa materia dos assistentes, pois que elles não a veem escapar-se de seus corpos.

Mas, apezar de ser essa operação invisível para nós, não nos é difícil provar, que são os assistentes que fornecem a materia. Sómente os espíritos têm a vencer grandes dificuldades para concentrar-a; e elles afirmam que a luz produz um efeito de desagregação, que muito prejudica a operação, porque quando elles a reúnem, essa materia constantemente tende a se dissolver e espalhar-se na sala em partículas invisíveis. Se submetermos um pedaço de gelo à ação do calor, não poderemos conservá-lo no estado sólido; quem nos diz que a luz não exerce a mesma influencia sobre essa outra substância? Nós sabemos que ella produz o movimento, pois que o radiometro o demonstra, pondo-se em movimento logo que um raio de luz o atinge. A experiência química do hidrogénio e do cloro que se conservam como simples mistura até que sejam expostos à luz, para com explosão produzirem o ácido chlorídrico, fornece-nos um exemplo que nos demonstra incontestavelmente o poder da luz.

Observamos que uma certa categoria de espíritos pode facilmente se comunicar e produzir fenômenos físicos em uma semi-obscuridade; que outros, ao contrário, exigem a mais profunda, excluindo até o mais tenue filete de luz natural ou artificial.

Cremos que isto depende do ambiente, da maior ou menor quantidade de força fluidica que os espíritos po-

dem colher das pessoas presentes e de suas disposições morais. »

Segundo diz Allan-Kardec, acrescenta o Sr. B. Martin, auctor do resumo, a comunhão de pensamento, a unidade de intenção, de vontade, de desejo e de aspiração, serão sempre o mais poderoso auxílio que prestaremos à manifestação dos espíritos.

O enfermeiro infiel. — *Le Spiritualisme*, de Pariz, de Julho ultimo, publicou o seguinte facto, que resumimos:

Um jovem de boa família foi recolhido ao hospital militar de R., e faleceu depois de um curto trânsito. Poucos dias antes de sua morte, fora-lhe entregue da parte de sua família, residente em outro ponto, a quantia de 200 francos em ouro, que elle, sem avisar à directoria, collocou em seu cinto.

O enfermeiro que lhe velava à cabeceira, sciente de tudo, achou que ali se lhe apresentava uma boa occasião de locupletar-se à custa de quem já não podia denunciar; e fez-o.

Mezes depois sentiu elle que suas pernas inchavam de um modo inquietador, e como tivesse ouvido falar das curas que estava obtendo um medium do lugar, ainda que nada conhecesse de spiritismo, foi ter com elle.

Feita a consulta, um espírito se apossou do medium e escreveu o seguinte:

« Te apropriaste do meu pequeno tesouro; roubaste-me, supondo-te só, quando eu estava ao teu lado; occultaste o dinheiro em tua camara. Eu não sou mau; podia perder-te, mas não o faço, com a condição de remetteres sem demora essa quantia à minha família, que della necessita. Fal-o sem perda de tempo. Não me vingarei de ti; não o quero; só desejo provar-te que os espíritos existem; pois creio que isso exercerá benefica influencia sobre a tua vida, detendo-te à borda do precipício. Para provar-te a ação que exercemos sobre certas naturezas, afianço-te que tua enfermidade desaparecerá, logo que tenhas cumprido o teu dever de homem de bem. »

Espectado e confuso, o enfermeiro remeteu a quantia roubada; e alguns dias depois a inchação de suas pernas tinha desaparecido como por encanto.

É um facto authentic, atestado pelo Sr. Ginodeau.

O espírito effectuou a cura pelo mesmo processo de que se servem os magnetizadores, o emprego de fluidos, cujas propriedades curadoras ainda tão mal conhecemos.

No facto acima narrado vemos uma grande vantagem resultante do conhecimento do Spiritismo, da doutrina que nos ensina que nem um dos nossos actos escapa ao testemunho dos invisíveis que nos cercam, e têm a faculdade de denunciar-nos áquelle com quem convivemos.

Foi uma esplendida lição para o enfermeiro infiel.

Recebemos. — *El Bien Social*, importante periodico publicado pela

Sociedade Philantropica Mexicana, sob a direcção do Sr. Francisco Sosa.

Traz esplendidos artigos de scienzia e moral, e é de distribuição gratuita.

Agradecemos e pedimos permissão.

— *Abolicionismo e clericalismo*, complemento à carta endereçada à S. Ex. o Sr. Dr. Joaquim Nabuco por R. Teixeira Mendes.

Agradecemos.

— *Discurso* pronunciado pelo Sr. Jean Hoffman, secretario da Academia internacional dos estudos spiriticos e magnéticos de Roma, na sessão de 9 de Setembro ultimo no Congresso internacional dos Spiritas em Barcelona.

Agradecemos.

— *Nuevos Experimentos sobre la Fuerza Psíquica*, por W. Crookes, versão espanhola por F. R. S., feita por conta do Centro de Propaganda spiritista de Buenos Ayres.

Agradecemos o exemplar com que fomos mimoseados.

MISCELLANEA**D'além-tumulo**

Medium, D. M. Monteiro — Grupo Deus, Fé e Caridade — Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1888.

Já resplendente de luz desponta a aurora da felicidade. Benedicto seja o Pai Celestial que vos concede essas tantas graças, que se derramam sobre a Terra, e com tanta frequencia estão sendo notadas em todos os pontos!

Tudo denota serem chegados os tempos com tanto amor prometidos pelo divino mestre, há já tantos séculos, durante a sua vida terrena tão cheia de dedicação. É preciso, porém, que de vós parta o esforço para compreenderdes a vossa posição nos tempos que correm; do contrario não podereis aproveitar os benefícios que recebeis continuamente; pois que tudo se vos mostra claro, tudo vos convida a caminhar para a perfeição. É tempo de cuidardes do vosso progresso moral; não vos affasteis, não troqueis a luz pelas trevas, porque ai daquelle que assim o fizer! bem dolorosos serão seus sofrimentos.

Deus que tanto vos dá, o que exige de vós, a não ser boa vontade? Os amigos que vos rodeiam, o que mais pedem que a modificação das vossas paixões frivolas, que vos afastam das moradas bemaventuradas? Ide, meus bons amigos! procurai aos poucos ir-vos dominando afim de destruirdes as causas dos vossos sofrimentos, e já mesmo nesta vida começardes a gozar; pois Deus é justo e nada esquece.

Avante pois, não sejais descaídos, porque não sabeis se o dia de amanhã já será tarde; o futuro pertence a Deus, e não o podeis prever.

E vós, spiritas sinceros, sede os executores das palavras divinas, ensinai pelo exemplo da vossa conducta, meio seguro para atingirdes a perfeição; lembrai-vos que a vossa responsabilidade está na medida dos conhecimentos que adquiristes.

Amai-vos mutuamente; sede na Terra os apostolos da caridade moral, a mais santa e mais pura aos olhos do Creador.

Deus vos illumine e abençoe.

PAULO.

D'além-Tumulo

Medium, D. M. Monteiro — Grupo Fé e Caridade — Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1888.

A paz de Deus seja em vosso centro.

Tudo caminha, pois a promessa do Divino Mestre não pode ser desmentida; Deus assim o quer, e sua vontade está acima de todas as vontades.

O Spiritismo progride e progredirá sempre, se a fé e a boa vontade dos seus apostolos se conformarem com as inspirações de seus guias. Ensinai pelo exemplo; sede incançaveis na obra, nunca imiteis aos phariseus que diziam boas palavras, mas tinham os corações vazios e as almas repletas de corrupção e de impurezas, afim de não serdes tão ou ainda mais culpados que elles. Deus é bom; Elle vos guia e vos mostra a realidade das cousas; a cada instante exemplos frisantes surgem aos vossos olhos; nada vos falta, podeis seguir sem receio de tropeçar, porque a luz que vos cerca, é pura, abundantissima, e nada conseguirá obscurecer-a.

Ensinai a amar a Deus, fazendo de sua sagrada lei uma religião santa, cujo desempenho vos está confiado.

Disso depende a vossa felicidade e a daquelles que, junto a vós, viem colher tão altos ensinos.

E' grave a vossa responsabilidade, mas serão grandes o merito e a graça que recebereis.

E vós que procuraes a luz, approximai-vos e aproveitai esse tempo precioso, afim de não serdes surpreendidos como as virgens descuidosas, que se guardavam para a ultima hora, e sofreram as consequencias de sua negligencia. Buscai com toda a boa vontade, e achareis a chave que abre a porta da verdadeira vida, e o consolo de todas as dôres.

Deus vos illumine.

Um afeiçado.

SEÇÃO LIVRE**O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA**

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Conclusão)

Todos tomaram assento ao redor de uma grande meza, collocada no centro da casa, sobre a qual fumegavam appetitosos guizados de tartaruga e peixe, e um assado de anta, carne saborosissima, superior à do porco doméstico. Servia aos hóspedes um homem de meia idade, tipo indígena, flegmático como todos os indios man-

4
sos do Amazonas. Joaquim era o seu nome, mas todos juntavam-lhe o cognome *Assahy*, por causa da sua paixão por essa bebida.

O almoço ia em meio, quando um novo hospede entrou na sala. Era o solitário do Alta Madeira. Seu ar solitário denunciava, que se havia passado alguma causa de extraordinário. De pé, com a voz pausada e firme, dirigindo-se ao subdelegado que ocupava a cabeceira da mesa, elle disse:

— Senhor juiz, eu venho esclarecer a justiça sobre o assassinato do malfadado Jerônimo Rios.

Todos se ergueram espantados e fitaram-n-o.

— Eu sei, continuou elle, onde o corpo está sepultado. Está juneto a um umbuzeiro pouco afastado da estrada, a meio caminho da casa de Rios a este ponto; e quem o enterrou ahi, foi aquele homem — apontou para o indio Joaquim Assahy.

— Mas não fui eu quem o matou, respondeu o indio, pálido como um cadáver. Foi o Sr. André Turino que fez isso, e me obrigou a ir com o seu escravo Pedro enterrar o corpo no mato.

Os soldados da escolta que viera de Manaus, tiveram ordem de não deixar sair alguém; e a autoridade dirigiu-se a Joaquim:

Narre-nos o facto, como se deu; nada occulte, e nada tema.

Joaquim continuou, um pouco mais animado:

— Eu estava juneto à estrada tirando seringa, quando vi passar o Sr. Alvear com o Sr. Rios. Não me importei com isso e fui continuando no meu trabalho. Cerca de meia hora depois, já me achando eu mais afastado, ouvi alguém pedindo socorro e dizendo:

— Não me mates, miserável ladão!

— Corri para a estrada e vi o Sr. Rios cahido e o Sr. André Turino tirar-lhe do bolso uma carteira e papéis e guardal-os. Não tive animo de dizer nada. Elle se ergueu e, vendo-me, atirou-me com duas moedas de prata, dizendo:

— Toma para matares o bicho. Se fores prudente, terás maior paga; mas, se por ti se vier a saber disso, fica certo que esta faca te fará nunca mais denunciar a outro.

— Elle assobiou, e Pedro que estava perto, apareceu. Então elle mandou-nos enterrar o corpo em cova bem funda. Nós o sepultamos juncto do umbuzeiro. Agora en peco que me livrem do Sr. Turino, que é um homem do diabo.

— Nada temas, ficas comnosco, respondem a autoridade. E sabes onde está Pedro agora?

— Está perto, vai pela estrada, esteve aqui ainda há pouco.

Mandou-se-lhe no encalço, e encontrado, elle se apresentou. Era um creoulo, ainda muito moço e bem fallante. Seu depoimento, depois de muita reluctância, devida ao terror que lhe inspirava seu senhor, confirmou em tudo o de Joaquim.

Dois praças ficaram guardando os dous cúmplices do crime, e o subdelegado com os seis restantes e alguns homens de confiança dirigiu-se ao estabelecimento de André Turino, rio abrigo. João, ao embarcar em sua canoa para tornar ao seu sítio, disse, ao despedir-se de seu amigo Alvear:

Então existe ou não uma Província, guiando os negócios dos homens?

— Sim, respondeu o inacessível, abrindo-o, e tem na Terra anjos encarregados do cumprimento de seus santos decretos.

Houve alguma imprudência da parte da autoridade em ir assim intimar a ordem de prisão mesmo em casa de Turino, por todos reconhe-

cido como homem mau e ríxoso, e que trinha em seu serviço cerca de 30 homens, na maioria soldados escusos do serviço, turbulentos e destemidos. Felizmente todos tinham seguido em uma expedição com Alvaro, filho de Turino, e só estariam de volta pelas 9 horas da noite. Só se achavam em casa André Turino, sua mulher e uma criada negra.

Contrariamente ao que se esperava, Turino acovardou-se e, informado do depoimento dos seus dous cúmplices, cahiu em profundo abatimento, e confessou sua falta. Como fôra de si, elle disse:

— Ja não posso. Ha dous meses que o espetro de Rios me persegue por toda a parte, ameaçando aniquilar-me.

— Era 5 horas da tarde, quando elle partiu com o subdelegado e a escolta para o Jamary, afim de seguir para Manaus na manhã seguinte.

Deixemolos partirem ao seu destino, e demoremos-nos no sítio de André Turino.

* * *

Era de alguma importância o estabelecimento de Manicó; além do cajueiro, baunilha, cacau, ipecau, canha e salsa, dahi se exportava milho, de que havia grandes plantações, bananas, e peixe salgado. A casa de vivenda da família, afastada da praia, era de paredes de barro rebocadas e caiaadas, mas coberta de palha, era uma casa grande e de bonito aspecto. A cerca de 500 metros della viam-se as palhoças dos aggregatedos.

As 9 horas da noite chegaram os exploradores extenuados de fome e de fadiga. Alvaro, sabendo o que se havia passado, ficou como uma fera e vociferou contra a covardia do pai, e a incuria da mãe e da criada, que não correriam a avisar-o, fosse como fosse. Elle resolven ir com os sens ás 2 horas da manhã assaltar o pouso do Jamary e arrancar seu pai das mãos da justiça. Destribuiu armamento á sua gente e mandou-a comere dormir, para estar prompta na hora aprasada. Duas grandes canoas os conduziriam, e a distancia de menos de 7 leguas seria vencida em menos de 2 horas.

Todos se recolheram, elle só, com a cabeça em fogo, passeou por algum tempo em frente à casa, e depois, já prompto, foi sentar-se na borda de uma das cãdas, como querendo por sua anciadade precipitar o curso do tempo. O cansaço fê-lo dormitar, mas de subito foi despertado por um alarido horroroso; a plantação ardia, os homens da fazenda despertavam meio-queimados de suas palhoças incendiadas e, ainda tontos de sono, corriam semi-nus em todos os sentidos.

— Os Parintintins! Demônio! brandon o filho de Turino, engatilhando sua espingarda.

Eram, com efeito, elles, esse flagello dos habitantes do Madeira abajo do Jamary, hoje muito reduzidos pelas perseguições que por todos os modos lhes promoveu, mas então para todos um objecto de horror. Não havia anno em que elles não aparecessem, incendiando, matando e destruindo tudo com uma sanha feroz. São anthropophagos e excessivamente cruéis. Atacam de preferencia de surpresa, escondendo a noite para as suas sanguinárias proezas, e por meio de mechas accessas presas ás suas flechas ateiam o incêndio nas casas e plantações. Um pedaço de pano grosso passando-lhes por entre pernas e prendendo-se á cintura é o seu vestuário único; seu rosto e corpo são cobertos de traços negros e figuras, que os tornam hediondos.

Elles não se batem a pé firme, mas saltando para um e outro lado, afim de impedir que lhes façam pontarias. Durante o combate levantam uma

grita medonha, para intimidarem aos contrários. Elles tinham visto a partida e o regresso da expedição, e contavam com o cansaço dos trabalhadores, para surprehendê-los.

Alvaro, vendo em chamas a casa de sua família, lembrou-se de sua velha mãe e correu para lá. Oh! desespero! As portas estavam arrombadas, as infelizes, ama e criada, tinham sido surprehendidas durante o sono e arrastadas para as brechas por esses canibas.

Elle conseguiu reunir sua gente e avançou contra os selvagens, que se iam retirando. Em um descampado, do vermelho clarão do incêndio, os indios acossados empunharam combate. Um deles, chefe, estava no meio do terreno, fazendo face aos assaltantes. As balas pareciam respeitar-o; mas afinal um ex-soldado enviou-lhe uma diretamente ao peito; o selvagem cambaleou, estendeu o arco; sua flecha partiu e atravessou a garganta do seu vencedor. Elle também cahiu, e o combate tornou-se furioso, pois seria uma vergonha para a tribo inteira deixar o cadáver de seu chefe em poder do inimigo. Um selvagem avançou, protegido por uma nuvem de flechas e ameaçado pelas balas contrárias, pôz o cadáver ao hombro e partiu: uma bala derrubou-o, outro selvagem substituiu-o e com o corpo às costas ganhou à mata. Tudo cessou por parte delles, e os malvados desapareceram como os phantasmas de um sonho.

Os perseguidores embrenharam-se a traz delles, mas era inútil, não os encontrariam.

O dia surgiu, e o plano de Alvaro fôra aniquilado por um poder desconhecido.

D'ahi a pouco o barco a vapor se aproximava da praia. Nada mais havia a fazer-se; a destruição estava consumada, e ir no encalço dos selvagens era perder tempo inutilmente. Ao ouvir a narração que se passara, André Turino, que não quis sahir do seu camarote, exclamou com accento lugubrante:

— Estás vingada, sombra de Rios! Estás vingada; eu sou um desgraçado.

Ninguém mais conseguiu arranhar-lhe uma palavra até Manaus.

* * *

Tinha decorrido um mez depois dos ultimos acontecimentos que acabámos de contar. João acordara triste e, sem saber porque, tinha vontade de chorar. Alvear chegara na vespresa, e narrara-lhe o que se havia passado na capital. André Turino estava louco, ora furioso, ora buscando um escondrijo, dizendo que o phantasma de Rios o queria arrastar para o inferno. O julgamento fôra suspenso.

O velho boliviano, companheiro do solitário, acabava de chegar do mato, onde fôra preparar uma armadilha para dar cabo de um veado, que lhe estava estragando a roça. Em lugar apropriado elle collocára a espingarda com carga de bala e chumbo grosso, presa ao gatilho por uma corda que, esticada, a faria descarregar. O animal, passando, se encarregaria dessa tarefa, pois não podia evitar o encontro da corda.

Estava elle entregue aos seus trabalhos culinários, quando Alvear chegou e entrou a conversar sobre a doutrina, que tanto o havia consolado. De repente em frente a uma janella lateral, que ficava a algumas braças do mato, souu um tiro, e o solitário recebendo a carga em pleno peito, tombou dizendo:

— Alvaro Turino, desgraçado!

Alvear e o indio tomaram suas espingardas para perseguirem ao assassino:

— Não, disse o solitário com voz já pouco clara; é inútil, meu trabalho

está concluído, meus pais me esperam; entreguemos a Deus esse infeliz. Sr. Alvear, proteja a esse meu pobre companheiro e lembre-se sempre de seu amigo João Paulo.

Tinha expirado. A dor de seus dous amigos se manifestava nas lagrimas abundantes, que derramavam. Onviou-se então uma forte detonação ao longe, augmentada pelo eco da floresta.

— Oh! bradou o velho boliviano, o malvado foi punido por Deus, caiu na minha armadilha.

Foram ambos ao lugar com outros vizinhos, que haviam chegado, e encontraram o cadáver do infeliz Alvaro ferido no coração.

* * *

Alvear fez construir no cemiterio de seu estabelecimento uma sepultura decente para encerrar o corpo de seu excellente amigo, e conservou consigo o velho companheiro deste. Seus negócios foram bem, e depois de um anno, elle desposou a filha de Rios, viúva de Alvaro Turino.

Com os ensinos do solitário elle comprehendeu o que se passava consigo, e o pensamento que o atormentava desde criança, tinha desaparecido.

André Turino falecera louco em Manaus.

FIM

A casa malassombrada

— «»—
ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— «»—
(Continuação)

A bala da delle errou o alvo, a da minha traspassou-lhe o coração.

Arrastei-o para o mato, como se fosse um reptil, e enterrei-o n'um formigueiro, encommendando-lhe a alma a Satanaz.

Esperei a noite para viajar de volta, e, na segunda, passava por este sítio, sendo no boqueirão atacado pela onça.

José disparou o tiro no terrível animal; porém errou e elle veiu sobre mim, ao tempo em que o cavallo de meu pagem disparava com elle, furioso.

O meu cahiu ferido, e eu pude milagrosamente galgar a pedra onde me encontrou.

* * *

— Acabou sua historia? Sr. Joaquim de Amorim.

— Não. Faita dizer-lhe: que ainda tenho sede de vingança, que pesa-me não ter o infame sedutor de Margarida mais cem vidas, para eu ter o gosto de lhas tirar todas, e que tenho medo e horror de voltar para minha casa, onde a dor de meu avô e a loucura de Margarida cavararam-me uma especie de sepultura no deserto.

— O tempo habitual-o-ha a esse novo modo de vida, disse Leopoldo.

— O tempo gasta tudo, Sr. Leopoldo; mas a presença do objecto amado priva-o de gastar o amor que será o meu tormento.

— A julgal-o por mim, crejo que tem razão. Ha sentimentos tão profundos que só acabam com a morte.

— Se Margarida morresse, antes de eu conhecer sua deshonra, que doce e triste felicidade seria para mim perpassar pela memoria as scenas de nossa infancia, e chorar um amor perdido!

(Continua).